



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

ISABELY COSTA DE SOUZA

ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: IMPLICAÇÕES PARA O TRABALHO DO
PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E INCLUSÃO DE ALUNOS COM
DEFICIÊNCIA NA EAUFGPA

Belém-PA
2021

ISABELY COSTA DE SOUZA

ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: IMPLICAÇÕES PARA O TRABALHO DO
PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E INCLUSÃO DE ALUNOS COM
DEFICIÊNCIA NA EAUFPA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação Física da Universidade
Federal do Pará, Campus Belém como exigência para
obtenção da graduação em Licenciatura em Educação
Física.

Prof. Orientadora: Ma. Fernanda Yully dos Santos
Monteiro.

BELÉM-PA
2021

RESUMO

O trabalho de conclusão de curso em questão trata do trabalho docente do professor de educação física e da inclusão dos alunos com deficiência diante do cenário instaurado pela pandemia do covid-19. O lócus de investigação é a Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará. Trata-se de uma pesquisa de cunho explicativo que utilizou enquanto instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada, que traz maior flexibilidade dentro do diálogo e coleta de informações, foram entrevistados seis professores de educação física pela plataforma google Meet e WhatsApp. Enquanto considerações finais o trabalho aponta a intensificação do trabalho docente dentro do Ensino Remoto Emergencial, e uma nova reconfiguração do trabalho docente que precariza a prática pedagógica do professor de educação física e é ainda mais excludente no que tange os alunos com deficiência.

Palavras-chave: Ensino Remoto Emergencial. Educação Física. Inclusão.

ABSTRACT

The conclusion work of the course in question deals with the teaching work of the physical education teacher and the inclusion of students with disabilities in view of the scenario established by the pandemic of covid-19, the research locus is the School of Application of the Federal University of Pará. This is an explanatory research that used as a data collection instrument the semi-structured interview, which brings greater flexibility within the dialogue and information collection, six physical education teachers were interviewed by the google Meet and WhatsApp platform. As final considerations, the work points to the intensification of teaching work within the Emergency Remote Education, and a new reconfiguration of the teaching work that precariouss the pedagogical practice of the physical education teacher and is even more exclusionary with regard to students with disabilities.

Keywords: Emergency Remote Education. Physical education. Inclusion

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
METODOLOGIA	9
1.COVID 19 E A NOVA RECONFIGURAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE	10
2.EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E INCLUSÃO	13
2.1 Inclusão e Educação	13
2.2 Inclusão e Educação Física	15
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50

INTRODUÇÃO

A pesquisa em questão trata sobre o trabalho docente do professor de Educação Física a inclusão dos alunos com deficiência nas aulas de Educação Física da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EAUFPA), a partir da propagação do vírus da covid 19¹ que culminou na pandemia e teve repercussões sobre a educação e o ensino regular.

Antes de discutir as questões referentes à inclusão dos alunos com deficiência e as aulas de Educação Física no cenário instaurado pela pandemia, é necessário fazer inferências sobre alguns aspectos históricos que fazem parte da Educação Física enquanto disciplina escolar e suas nuances.

A Educação Física no Brasil sofreu grande influência dos modelos médico e militar, tendo seu contexto baseado em modelos positivistas, assim, foi compreendida enquanto área responsável por forjar indivíduos fortes e saudáveis para a construção do modo de vida a partir de interesses nacionais (CASTELANNI FILHO, 1994; GUIRALDELLI JR, 2001).

As influências supracitadas tiveram forte alcance sobre a prática pedagógica da Educação Física dentro das escolas, a “prática pela prática” e as práticas centradas no desenvolvimento das capacidades físicas dos indivíduos tomaram o espaço escolar, o que culminou no entendimento da Educação Física enquanto uma atividade pragmática, que coloca o corpo no centro do processo em detrimento do intelecto, ou seja, esses modelos pertencentes à história da Educação Física reforçaram uma dualidade do homem, separando corpo e mente (CASTELLANI FILHO, 1994).

Essa relação acentua um quadro que Freitas (1995) compreende como manutenção e eliminação. Para Freitas (1995) no âmbito geral, esse cenário se manifesta ao longo do processo letivo, através da manutenção das classes dominantes dentro das

¹ “A pandemia da COVID-19 pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) tem se apresentado como um dos maiores desafios sanitários em escala global deste século. Na metade do mês de abril, poucos meses depois do início da epidemia na China em fins de 2019, já haviam ocorrido mais de 2 milhões de casos e 120 mil mortes no mundo por COVID-19, e estão previstos ainda muitos casos e óbitos nos próximos meses. No Brasil, até então, tinham sido registrados cerca de 21 mil casos confirmados e 1.200 mortes pela COVID-19. O insuficiente conhecimento científico sobre o novo coronavírus, sua alta velocidade de disseminação e capacidade de provocar mortes em populações vulneráveis, geram incertezas sobre quais seriam as melhores estratégias a serem utilizadas para o enfrentamento da epidemia em diferentes partes do mundo. No Brasil, os desafios são ainda maiores, pois pouco se sabe sobre as características de transmissão da COVID-19 num contexto de grande desigualdade social, com populações vivendo em condições precárias de habitação e saneamento, sem acesso sistemático à água e em situação de aglomeração”. (WERNECK; CARVALHO, 2020 p. 1)

escolas e da evasão escolar muito comum entre as classes populares, ocorre ainda dentro dos postos de qualificação de trabalho, no qual a classe dominante ocupa os melhores postos e a classe popular acaba por ocupar as profissões menos nobres.

Na educação física, por sua vez, a eliminação dos alunos dos processos formativos dar-se-ão a partir da exclusão dos alunos menos aptos em detrimento dos mais aptos, ainda centrando o ensino em métodos tradicionais e tecnicistas (CALHEIROS E SOUZA, 2014).

Embora esse contexto venha se resignificando, ainda é preciso investigar como os processos tem acontecido dentro das escolas, De Sá Ferreira et al. (2020, p. 187) elucidam que “os movimentos em prol de políticas comprometidas com a inclusão da pessoa com deficiência ganham destaque em diversos países a partir de 1970, por meio de tratados e legislações que asseguram o pleno desenvolvimento dos sujeitos”. (DE SÁ FERREIRA ET AL., 2020, p.187)

Esses movimentos buscam promover a inclusão, articulados ao processo de reordenamento social e visando os princípios de desenvolvimento humano voltados a igualdade de oportunidades dos sujeitos. Tais reconfigurações repercutem sobre o ensino de forma geral e também sobre a Educação Física.

Fensterseifer et al. (2020) apontam que se observarmos a concentração das práticas corporais nos últimos 30 ou 40 anos, perceberemos mudanças significativas, tanto em relação a sua ampliação (número de práticas corporais), quanto em relação a sua popularização, antes concebida enquanto fenômeno pertencente a classe média.

De fato, as novas reconfigurações sobre a Educação Física e a busca por sua legitimidade tem sido fatores importantes para sua resignificação e para reduzir a relação entre manutenção e eliminação que a atingiu por tanto tempo e fez com que as pessoas com deficiência ficassem de fora – em muitos momentos- de suas práticas.

Apesar disto, a nova dinâmica trazida pela crise sanitária instaurada pelo vírus da covid-19, que reorganizou o modo da prática docente na educação básica, ainda traz impasses e preocupações; a priori

“Em concordância com a Unesco, o parecer do Conselho Nacional de Educação do Ministério da Educação do Brasil, seguiu a mesma linha e reconheceu os problemas causados pela pandemia. O parecer procurou reorganizar as atividades acadêmicas e sinalizou com a permissão para aulas aos sábados – em horários de contraturno e durante as férias –, para que os alunos da Educação Básica não percam o ano letivo e apontou outras medidas semelhantes àquelas já defendidas pela Unesco (BRASIL, 2020)”.

A partir dessas flexibilizações, a extensão da pandemia trouxe novos modelos de trabalho para docentes e uma nova forma de ensino aos discentes, tornando comum o modelo de Educação a distância ou o chamado Ensino Remoto Emergencial (ERE). Este modelo ainda gera dúvidas entre professores e alunos e traz algumas questões ao cerne da escola: será que os alunos estão preparados para essa adaptação brusca no modelo de ensino? Será que todos os professores possuem habilidades com as tecnologias necessárias para ministrar aulas online? Será que os alunos possuem, além de suporte tecnológico, assessoria de seus responsáveis para acompanhar as aulas e realizar as tarefas? E quanto aos estudantes com deficiência, que muitas vezes dentro do âmbito escolar, já não são incluídas presencialmente, será que conseguem acompanhar as aulas remotas?

A partir de tantas dúvidas e inquietações que surgiram com o Ensino Remoto Emergencial (ERE), começam os questionamentos em torno do ERE que funciona como um modelo de Educação a distância implementada nas escolas. Assim, tem-se acordo que:

“A Educação a distância (EaD) não pode ser a única solução, esta metodologia tende a exacerbar as desigualdades já existentes, que são parcialmente niveladas nos ambientes escolares, simplesmente, porque nem todos possuem o equipamento necessário. Se a meta for investir apenas em ferramentas digitais, certamente, contribuiremos para uma piora na aprendizagem dos alunos a curto e a médio prazos (SOUZA; FRANCO; COSTA, 2016 p.104).”

Falar sobre inclusão no âmbito escolar não é uma tarefa simples de ser feita, muito menos de ser efetivada, levando em conta a situação da maioria das escolas públicas do nosso país, em termos de infraestrutura, currículo, métodos e didáticas abordados durante as aulas nas escolas. Partindo disso, compreende-se que essa esfera denominada inclusão perpassa por várias áreas, inclusive dentro da disciplina de educação física.

Em busca de respostas para tantas questões relevantes, este trabalho investiga como ocorre o processo de inclusão dos estudantes com deficiência nas aulas de Educação Física da Escola de Aplicação – UFPA na modalidade de ensino remoto

Tendo como objetivo geral investigar quais os desafios e possibilidades da prática pedagógica nas aulas de Educação Física no ERE e suas repercussões no ensino dos alunos com deficiência.

Objetivos Específicos pretende-se 1) Investigar a reconfiguração do trabalho docente do professor de Educação Física dentro do ERE; 2) Problematizar as condições de trabalho do professor dentro do ERE; 3) Discutir o processo de inclusão dos estudantes com

deficiência no ERE.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa explicativa, que apresenta enquanto característica a identificação de fatores que contribuam com a ocorrência de determinado fenômeno, busca explicar a razão desses acontecimentos (GIL, 2007).

Enquanto instrumento, utilizou-se a entrevista semiestruturada que para Gil (2007), é uma entrevista que permite maior flexibilidade, já que mesmo com o roteiro base pré-estabelecido existe a possibilidade de incluir outros questionamentos. As entrevistas aconteceram por plataformas digitais como Google Meet e WhatsApp, com (06) seis professores de Educação Física da EAUFPA. As entrevistas contaram com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e embora a identificação conste no roteiro de entrevista, nenhum professor foi identificado no processo de escrita.

Esta pesquisa foi construída em cima da relevância que o tema traz, já que é necessário a compreensão sobre o impacto sofrido na reconfiguração do trabalho docente nesse período pandêmico dentro da modalidade de ensino remoto emergencial, principalmente no que diz respeito a disciplina de educação física, que necessita que teoria e prática estejam lado a lado dentro do processo de ensino-aprendizagem para que a práxis seja efetivada nas aulas de educação física, possibilitando a formação de alunos de forma completa e crítica.

Além disso, o estudo se justifica no campo acadêmico por possuir relevância para o aumento de debates que estejam voltados para a construção de processos inclusivos dentro do âmbito escolar como forma de desconstruir o estereótipo que a Educação Física carrega da esportivização excessiva favorecendo apenas os mais aptos e deixando a margem os menos habilidosos, conseqüentemente os alunos com deficiências.

O trabalho de conclusão de curso foi estruturado da seguinte forma: introdução, a primeira que trata da covid-19 e a nova reconfiguração do trabalho docente, a segunda seção teórica que trata das questões referentes a Educação Física e inclusão, a terceira seção que trata dos resultados e discussões e as considerações finais.

1.COVID 19 E A NOVA RECONFIGURAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE

A pandemia causada pelo novo corona vírus/ covid-19 se tornou uma das maiores da história, nenhum país conseguiu escapar dos danos causados pela sua rápida propagação. Para Arruda (2020) foi possível perceber que o mundo não se encontrava preparado para lidar de forma prévia com todos os efeitos que esse vírus traria, sejam eles de origem sociais, educacionais, culturais e econômicas.

A partir disto, a pandemia tornou espaços pensados e utilizados para atividades presenciais e a socialização um dos maiores focos de propagação e transmissão do vírus. Este novo modo de vida teve diversas implicações, dentre elas o fechamento de espaços públicos, incluindo as escolas, essas foram medidas adotadas como forma de prevenção, o isolamento social foi entendido como a medida mais eficaz na tentativa de controle da covid-19.

É válido ressaltar que tais decisões não podiam ser tomadas a médio e longo prazo, pois todos os dias as estatísticas referentes a covid-19 eram atualizadas interferindo diretamente nas tomadas de decisões efetivadas pelos países.

Os autores Xial e Li *apud* Arruda (2020, p. 260) apontam que dentro do sistema educacional brasileiro a inserção do ERE é um desafio, tendo em vista que a falta de acesso de determinada parcela da população às tecnologias de comunicação e informação, a manutenção dos links de acessos, a dificuldade do desenvolvimento de uma didática específica para que os alunos mantenham-se concentrados e atentos nas aulas é uma realidade.

Este diagnóstico possibilita fazer a inferência de que com o modelo de educação não presencial e nova reconfiguração do trabalho docente efetivadas pela pandemia, as desigualdades sociais foram acentuadas, tornando-se mais evidentes e intensas todas as dificuldades já enfrentadas pela maior parte da população, que usa o sistema educacional público como forma de acesso ao ensino, somado ao caráter assistencial que a escola, que de alguma forma também desempenha (CARMONA, 2020).

Apesar dos indicativos do aumento das desigualdades existentes no Brasil em virtude do modelo de educação a distância, Arruda (2020) nos explica que, a educação é elemento de maior relevância em qualquer esfera de tempo, logo ela também é necessária principalmente em meio a uma crise sanitária inédita na história do mundial.

Para Arruda (2020), decidir pela inoperância da escola, poderia resultar na fragilização desse espaço institucional, além de promover um enorme crescimento de diversas desigualdades, afinal, estar longe da escola, mas em contato cotidiano com ações

pedagógicas chega a ser menos danoso do que não estar com nenhum contato sequer com a escola ao longo de todo o período incerto de quarentena.

Ao adotar o ensino remoto como possível solução de não romper com a relação de ensino-aprendizagem entre docentes e alunos, o trabalho docente acaba tendo que se reconfigurar como forma de atender as necessidades dessa modalidade de ensino. Nesse sentido, os professores tiveram que se empenhar para reformular as aulas e adequá-las ao novo modelo de ensino, tornando-as inclusive acessíveis para alunos com e sem deficiência.

Essa reconfiguração do trabalho docente traz à tona questões relevantes a serem discutidas, se tratando principalmente do desafio que os professores encontraram para reformular anos de vivência dentro de sala de aula de forma presencial para uma modalidade totalmente nova.

Inúmeros docentes tiveram que aceitar o modelo do ensino remoto para não perderem seus cargos dentro das escolas, essa ação, nos insere no debate sobre a saúde mental dos professores. Segundo Zaidan e Galvão:

Professoras e professores experimentaram uma mudança brusca em suas rotinas, que se caracteriza pela penetração insidiosa do trabalho em todos os espaços e momentos de seu cotidiano, não importando que seus empregadores (o governo ou os donos de escola) não lhes tenham garantido estrutura para o teletrabalho (ZAIDAN; GALVÃO, 2020, p.264).

O quantitativo de professores adoecendo em nosso país já vinha crescendo antes da pandemia. Os motivos são diversos, mas seguem sendo principalmente pela falta de estrutura adequada nas escolas, falta de tempo para a formação continuada, e com o ensino remoto, a falta da instrumentalização adequada para proporcionar a devida habilidade com os equipamentos tecnológicos e a plataformas digitais usadas nas aulas online, tem ocasionado um agravante na saúde mental de inúmeros professores.

As horas trabalhadas no modelo de home-office adotado pelo corpo docente das escolas também necessitam de comentários, professores nunca trabalham apenas no horário das aulas, são horas de planejamento, busca de materiais, construções de atividades e avaliações, revisão de conteúdos, análise da melhor didática a ser usada com cada turma, levando em consideração cada uma de suas peculiaridades, portanto o método e as dinâmicas que funciona em determinada turma, poderá não funcionar nas outras.

É o que Zaidan e Galvão (2020) descrevem como uma superexploração da força de trabalho, já que esse formato de ensino remoto começa a ocupar diferentes momentos

do cotidiano dos docentes, sem que os próprios professores consigam computar formalmente as horas extras que estão trabalhando.

Apesar do grande impacto, principalmente entre aqueles que não simpatizavam com os meios tecnológicos como base para o ensino-aprendizagem no âmbito escolar, trouxe pontos positivos para este debate. Carmona (2020) afirma que esses professores mais tradicionalistas e conservadores, aqueles que são mais resistentes às inovações, acabaram sendo “atirados ao mar”. Desta forma, estão tendo que se adequar ao novo modelo de educação inserido na educação brasileira e atualizar suas concepções sobre educação, assim como suas práticas pedagógicas.

O autor continua citando outro ponto positivo que o ensino remoto acabou trazendo, o fato de os responsáveis dos alunos estarem acompanhado mais o desempenho escolar de seus filhos. A pandemia forçou a maioria dos pais a começarem a acompanhar de perto como ocorre o processo de aprendizagem dos alunos por meio das aulas remotas e da intensificação do contato com o professor. Sabe-se que essa realidade não é uniforme principalmente no que concerne as famílias em maior vulnerabilidade social, mas é uma realidade que se constata parcialmente.

No caso da Educação Física especificamente, é necessário que as aulas além de serem atrativas, consigam abordar uma Educação Física que fuja do tradicionalismo que já vem sendo por anos estereotipado dentro da disciplina. Segundo Godoi et al. (2020, p. 3), professores de Educação Física de todo o país, se viram diante do grande desafio que pode ser resumido em ensinar a cultura corporal de movimentos através dos meios tecnológicos para os estudantes.

Através dessa nova roupagem podemos tornar as aulas de Educação Física mais atrativas em meio ao caos da pandemia, fazendo com que os alunos não reproduzam atividades por reproduzir, e sim aprimorando seus conhecimentos para além da esportivização que já ocorre demasiadamente no modelo de ensino presencial.

Para que esse processo de ensino-aprendizagem ocorra com qualidade, é necessário ultrapassar os principais desafios encontrados dentro do ensino remoto. Godoi et al. (2020, p. 7) comenta sobre relatos de professores de Educação Física que apontam limitações durante as aulas principalmente em relação a falta de entusiasmo para ligar as câmeras, que acaba contagiando a maioria dos alunos, em consequência disso acaba por dificultar as dinâmicas propostas nas aulas, tornando o processo de avaliação mais difícil de ser realizado.

É notável o quanto o sistema educacional foi afetado com essa nova dinâmica reproduzida dentro do ensino remoto emergencial. A construção de momentos que oportunizem a aprendizagem de forma mútua entre docentes e estudantes é o que de fato precisa acontecer durante as aulas, para que esses impactos que sejam vivenciados da menor maneira possível.

2. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E INCLUSÃO

2.1 Inclusão e Educação

A inserção de estudantes com deficiência dentro do âmbito escolar e no ensino regular tem se tornado cada vez mais comum e é uma forma de democratizar o direito ao ensino e a diversidade nas escolas.

No entanto, para que essa inclusão aconteça de maneira efetiva é necessário respaldo que ampare legalmente os responsáveis desses alunos diante da luta diária para que eles tenham acesso ao ensino regular, como qualquer outro cidadão. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação n. 9.394/96 (BRASIL, 1996) e a declaração de Salamanca (BRASIL, 1994), que visualizam na escola regular um núcleo repleto de oportunidades eficazes no combate de atitudes discriminatórias e de exclusão são exemplos de documentos oficiais que garantem o direito das pessoas com deficiência ao ensino regular dentro das escolas públicas e privadas. Sabe-se, que embora tais documentos reforcem o debate da inclusão desses estudantes na comunidade escolar, a efetivação das mesmas ainda é considerada um grande desafio no cenário educacional (CAMPOS; DUARTE, CIA, 2012).

Além dos desafios encontrados na efetivação das leis voltadas para educação inclusiva nas escolas, é importante ressaltar dois aspectos importantes que estão ligados diretamente no processo de inclusão dos estudantes com deficiência no ensino regular, que são disciplinas e conteúdos na formação inicial dos docentes e a complementação dos estudos no processo da formação continuada.

Chicon (2008) aponta que apesar dos alunos passarem a ter o direito a matrícula na escola regular e em classe regulares, essa situação passou a ser um desafio e um problema ao mesmo tempo. Desafio, no sentido de buscar maneiras de educar a todos de forma indistinta no mesmo espaço-tempo. E problema, pelo fato da desinformação dos docentes, despreparo profissional e falta de estrutura nas escolas.

Afinal, para receber esses alunos dentro de uma turma regular, é necessário além de suporte que haja a instrumentalização adequada, ou apenas irá ocorrer o processo de integração dos mesmos, que se resume em apenas inserir esses indivíduos dentro do espaço escolar. De Lima (2021) explica que apenas inserir esses alunos não soluciona o problema da exclusão, já que os alunos pelos seus próprios esforços individuais devem acompanhar os outros colegas ditos “normais”, ou seja, o foco acaba não sendo sobre as práticas, metodologias e os recursos oferecidos pela escola regular, e sim sobre as aptidões pessoais dos alunos.

Apesar do avanço com a leis citadas anteriormente, com a mudança de governos que ocorrem em nosso país, ocorrem também a mudança de ótica dentro do âmbito educacional em relação à educação inclusiva. Foi o que ocorreu recentemente no ano passado, sobre o decreto 10.502, de 30 de setembro de 2020, que trouxe de volta a ideia de que o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes com necessidades especiais torna-se mais eficaz, se elas forem retiradas das turmas regulares, mesmo que tal ação reforce a exclusão das mesmas.

De Lima (2021) reforça o desrespeito que tal decreto implica na luta de uma sociedade mais igualitária. Afinal, a educação inclusiva, debatida dentro das pesquisas e oficializadas nos documentos legais nacionais e anterior a este decreto, retrata sobre uma escola de qualidade para todos, que exige uma reorganização dessa instituição, um esforço coletivo na mudança das práticas pedagógicas, métodos de ensino e avaliações, para assim oportunizar a aprendizagem de todos e contribuindo na construção de uma sociedade inclusiva.

Uma outra consequência grave que Lima (2021) aponta em decorrência ao decreto 10.502 é o financiamento de instituições especializadas, a privatização desses espaços que reflete diretamente na diminuição de investimentos financeiros para as escolas públicas, transferindo a responsabilidade do Governo de oferecer ensino de qualidade em formato de políticas públicas para todos, inclusive e principalmente para os menos favorecidos economicamente. Deste modo, aponta-se que é necessário pensar na inclusão de forma ampla, para que o maior número de pessoas com deficiência seja detentor do direito a educação, independente do poder aquisitivo.

2.2 Inclusão e Educação Física

A Educação Física possui uma trajetória histórica e social na qual é possível observar a exclusão de mulheres, pessoas com deficiência e os considerados menos aptos

no processo educativo. A prática de exercícios físicos era realizada como forma de levar o homem a evitar doenças e adquirir saúde.

Chicon (2008) afirma que o pensamento médico-higienista enraizado dentro da educação física, reproduzia a ideia de que para que pessoas com necessidades especiais estivessem aptas ao convívio escolar e social, era necessário primeiramente que as mesmas obtivessem a cura da sua enfermidade, através de cuidados especiais, ou seja, deixá-los a margem sempre foi a atitude mais fácil a ser tomada a curto prazo.

A esportivização demasiada nas aulas de Educação Física também é outro ponto que merece a atenção devida, pois os “menos condicionados”, “menos habilitados” acabam sendo deixados a margem pelos próprios colegas e pelos professores durante as aulas. Chicon (2008) afirma que essas práticas se arrastam até os dias atuais por refletirem a formação de professores baseadas ainda na concepção de escola de Educação Física do exército.

Chicon (2008) também comenta em seus estudos o quão nocivo para Educação Física pode ser a esportivização em excesso, nos fazendo encontrar dentro da disciplina uma dupla genealogia de razões que podem conduzir a exclusão dentro das aulas. Fazendo com que a Educação Física se desenvolva dentro do âmbito escolar reproduzindo cada vez mais atitudes excludentes com aqueles que não se enquadram nos padrões esperados, como se pode notar diante das altas taxas de abandono e insucesso escolar.

Além disso, essa mesma cultura desportiva e competitiva, que predomina nos desenhos curriculares da disciplina, cria um grande obstáculo em relação a inclusão de alunos que são vistos a priori como menos aptos.

Diante desse perfil de professor, que teve sua formação inicial baseada no esporte competitivo, o quão acessível seria esse tipo de aula para estudantes com deficiência?

O despreparo para lidar com a dinâmica da inclusão de estudantes com deficiência dentro do ensino regular, resultando no fracasso escolar das mesmas, onde a parcela de culpa é maior para o professor que está responsável pelas aulas, nos faz entender o quanto é necessário que ocorra o fortalecimento do movimento em prol da formação inicial e continuada dos professores com qualidade.

Como educadores é preciso lembrar constantemente qual o tipo de Educação Física iremos proporcionar para nossos alunos. É ter a sensibilidade de entender que através das nossas aulas os alunos podem se desenvolver de forma completa, tanto fisicamente quanto mentalmente, e acima de tudo, se desenvolver de forma crítica. Por isso é importante que haja além do comprometimento, a conscientização sobre a

necessidade que a Educação Física tem de ser trabalhada para além dos esportes.

Rodrigues (2005) embasa essa ideia quando nos traz essa reflexão a seguir:

A formação inicial e contínua tem de seguir modelos isomórficos, isto é, o futuro profissional tem de ser formado para conhecer e aplicar conteúdos que estejam relacionados com o que se pretende que ele venha a ser como profissional. Se os futuros profissionais forem formados para fomentar a competição, para procurarem grupos homogêneos, para a exaltação do trabalho individual como poderemos esperar que este profissional incentive nos seus alunos a cooperação, o respeito e o valor da diferença e a solidariedade? (RODRIGUES, 2005).

Sobre a formação inicial de professores, é necessário que haja além da conscientização, o comprometimento de ofertar dentro da matriz curricular dos cursos de Educação Física disciplinas que permitam a realização da teoria-prática, ofertando conteúdos como Libras, Educação Física adaptada, cuidados especiais, entre outros, visando a construção, através da formação docente, de uma sociedade igualitária, independentes de suas particularidades (UFPA, 2011).

Através da qualificação adequada do corpo docente, o processo de atender à diversidade encontrada no interior da escola, torna-se mais eficaz, é o que Chicon (2008) diz em seus estudos:

No âmbito escolar, a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física, a nosso ver, parece estar relacionada, predominantemente, com aspectos atitudinais e procedimentais. O primeiro diz respeito ao preparo profissional, à concepção de homem que se quer formar, à atitude de aceitação e promoção da diversidade humana. O segundo está no caminho, no meio para atingir os objetivos, ou seja, a escolha da metodologia de ensino, dos procedimentos didáticos (CHICON, 2008, p.38).

Sabemos que não é uma tarefa fácil lidar com o modelo de escola regular que temos, na qual o processo de inclusão de alunos com deficiência e aulas de Educação Física que oportunizem a vivência para todos, independentemente de suas aptidões físicas chega a ser utópico, porém, com propostas metodológicas adequadas como ferramenta utilizadas pelos professores, que somadas a criatividade e empatia, possam usar não somente o desporto, mas também o corpo, o jogo, a ginástica, a dança, as lutas como oportunidades de celebrar a diferença e proporcionar a todos os alunos experiências que os desenvolvam de forma completa, frisando cada vez mais a cooperação e a solidariedade (RODRIGUES, 2005).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesse tópico iremos discutir sobre a coleta de dados realizada na forma de entrevista via plataformas digitais (Google Meet, WhatsApp) com os professores (Educação Infantil e anos iniciais, Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio e EJA) que ministraram e ainda ministram a disciplina de Educação Física na modalidade do Ensino Remoto Emergencial, dentro da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará.

Os eixos das entrevistas foram divididos em três seções, o primeiro teve como objetivo investigar se os professores de Educação Física tiveram recursos e instrumentalização adequada para promover as aulas. O segundo tópico abordou perguntas sobre as práticas docentes e condições de trabalho e o terceiro tópico tratou especificamente sobre o processo de inclusão de estudantes com deficiências dentro do ERE.

Dos recursos para a aula no Ensino Remoto Emergencial – Reconfiguração do trabalho docente

Ao serem questionados sobre a oferta de recursos e orientação para o uso das plataformas (a), reformas estruturais (b) que tiveram que ser realizadas para a adequação no ERE e relatos de alunos que não possuem equipamentos e/ou conectividade para acompanhar as aulas (c) foram obtidas as seguintes respostas, disponibilizadas no quadro abaixo.

PROFESSORA	RESPOSTA
A	<p>a. “Eu não tenho o que reclamar enquanto professor, a universidade ofertou bastante cursos de capacitação para o ensino remoto, participei de vários, a própria escola ofertou um projeto de extensão, muitos cursos, teve na coordenação de ensino médio, teve nas outras coordenações também. No que diz respeito a estrutura da universidade de preparação profissional tivemos suporte sim (...) A escola não equipou um espaço para o professor que tivesse dificuldade e tudo mais, isso poderia ter feito também.</p> <p>b. “questão do ar-condicionado, eu não gosto, eu tenho problema de garganta, não posso ficar muito tempo, mas eu também não estava conseguindo dar aula com o ventilador, não só pelo calor, mas pelo ruído e atrapalhava os alunos, então eu tive que fazer essa reforma. Além de uma coisa ou outra, instalação do</p>

	<p>ar-condicionado, organização do meu espaço, comprar um fone melhorzinho, essas coisas aí...”</p> <p>c. “sim, tem muitos relatos até hoje e eu vou tentar te dar em números, hoje eu tenho 150 alunos, mais ou menos essa média no primeiro ano do ensino médio, a gente vai ter relatos ali de 10 a 15 que não tem acesso ao ambiente virtual de aprendizagem ou que tem acesso muito precário, então sim, tem muitos relatos de alunos e famílias que se sentiram desamparadas pela universidade, pela escola. A escola teve bastante dificuldade com isso... no papel de diretor, a escola tentou, a gente mandava ofício, tentava as coisas, mas como a escola depende do recurso que vem da universidade, isso foi sempre complicado, e tudo foi por edital, foi uma crítica que nós fizemos, deveria ser mais flexibilizado para os jovens, o chip, eles podiam ter dado, como o governo do estado fez em algum momento, e essa política do edital complicou muito. Sim, tiveram muitos relatos de alunos.</p> <p>O ensino médio, nós usamos as tecnologias, nós usamos o google Meet e o google sala de aula (classroom) e quem não tinha acesso, a coordenação fazia esse papel de entregar os materiais por apostilas, de ligar, de flexibilizar as práticas, as avaliações... não teve reprovação, então foi mais ou menos isso...isso eu falo pelo ensino médio, era para o ensino online ser o mecanismo principal e acabou sendo, mas pra quem não teve acesso, foi encontrado essas outras possibilidades. Eu vou te dar um exemplo, eu postava atividades de avaliação no google sala de aula, e o aluno tinha acesso e eu postava a mesma atividade no zap, e ele me respondia no zap, eu batia uma foto da resposta, então isso também compreende o ensino remoto, e tá previsto dentro da resolução da Ufpa e tudo mais”</p>
<p>B</p>	<p>a. “nós tivemos um círculo de formações voltadas para instrumentalização e tecnologias digitais, nós aprendemos a abrir salas, a utilizar formulários, a utilizar todos os recursos educacionais que eram necessários para aquele momento, alguns círculos de formação forma mais básicos, outros mais aprofundados...então, eu considero que sim, que foi o suficiente pra que a gente pudesse manipular naquele momento.</p> <p>Eu senti falta de discussões sobre “como utilizar?” A gente aprendeu a habilidade de utilizar, aprendeu cada recuso que tínhamos em mãos, mas discutimos muito pouco “como?” e aí, esse “como?” veio com a</p>

	<p>nossa vivência, ele veio a partir das nossas experiências, discussões que iam brotando no cotidiano, da necessidade que a gente tinha de não fazer transposições do presencial pra tela, enquanto uma decisão político-pedagógica que a gente tomou. Então sim, nós fomos instrumentalizados e sim, eu considerei que foi o suficiente para aquele momento que a gente estava vivendo logo no início das nossas ações, quando a pandemia iniciou”.</p> <p>b. “sim, eu precisei fazer não uma reforma estrutural, mas eu precisei adequar os meus recursos de conexão pra poder fazer os encontros educativos, que a gente chama de encontros educativos no ensino fundamental I e os encontros brincantes na educação infantil, então eu precisei aumentar o meu pacote de internet, aumentar minha rede de dados do celular para que pudesse ter alguma garantia de que eu conseguiria sustentar os momentos dos encontros e até o mesmo o meu dia a dia, porque o nosso trabalho passou a ser totalmente virtual então a gente tinha diariamente reuniões virtuais e passamos o dia inteiro conectados pelos grupos de whatsapp, então eu precisei desse recurso a mais, precisei investir nisso financeiramente para poder conseguir dar conta de estar presente no trabalho”.</p> <p>c. “Sim, nós temos muitas crianças que não tem internet, que não conseguem participar dos nossos encontros virtuais, esses dados estão muito claros no nosso levantamento virtual e algumas medidas foram tomadas pela universidade com editais para contemplar as crianças e os nossos jovens com acesso a chips e até mesmo aparelhos, mas nem todas as nossas crianças conseguiram acesso a equipamentos com esse edital. Então, nós continuamos com um número bem significativo, bem expressivo, de crianças que não conseguem acompanhar os encontros”.</p>
C	<p>a. “a escola ofereceu duas salas de aula virtuais, duas salas de aulas presenciais, físicas né, para que nós trabalhássemos virtualmente, porém eu nunca participei dessas salas de aulas, não sei nem onde ficam, porque fica mais cômodo a gente trabalhar em casa, com nossos próprios materiais, não sei qual é a instrumentalização quem tem lá, quais são os instrumentos que eles oferecem pra nós lá na sala e aí, por questões de deslocamento e da conjuntura econômica também, a gente acaba ficando em casa mesmo. no trabalho em casa, a única oferta que eles</p>

	<p>me deram foi a plataforma da universidade federal do Pará, pelo google.</p> <p>(...) então assim que houve a necessidade de nós trabalharmos remotamente, houve uma capacitação tanto através de um grupo independente, depois nós fizemos com um grupo de projetos da própria escola de aplicação que trabalha com a informática e diante da maior necessidade, a própria escola já ofereceu em convênio com a universidade também outro cursos que são direcionados principalmente pro google, sala de aula, forms, o meet e dentre outros instrumentos que nós poderíamos utilizar dentro dessa plataforma”.</p> <p>b. “não, mas eu utilizei o próprio ambiente, uma parede branca atrás, as adequações foram essas, tirar um quadro, colocar uma mesa direcionada para um ambiente que não pudesse tirar atenção das pessoas, não foi uma reforma”.</p> <p>c. “Sim, muitos alunos têm esse problema. Inclusive a própria comunidade docente, coordenação pedagógica e de ensino fizemos coletas e doações de vários materiais pra que os alunos pudessem acompanhar essas aulas e a própria universidade também ofertou um pacote, um chip com uma certa quantidade de megas, não sei se são megas ou se são gigas, para que os alunos pudessem acompanhar essas aulas”.</p>
D	<p>a. “sim, ela disponibilizou. Não foi o suficiente porque eu não tinha nenhuma experiência, mas de qualquer jeito ela ajudou muito”.</p> <p>b. “não.”</p> <p>c. “tem muito relatos de falta de conectividade. A universidade abriu um edital de inclusão digital e algumas pessoas participaram. Elas tiveram algumas dificuldades para participar porque o processo era bem complicado, mas participaram e foram contemplados com algumas coisas, com tablet, chip de dados, mas não contemplou todas as crianças, se eu não me engano foram 30% só contemplados”.</p> <p>(...) as pessoas que não tinham acesso à internet, elas começaram a receber os cadernos impressos, o que se fazia era impresso, as atividades impressas”.</p>
E	<p>a. “olha, como você sabe a escola de aplicação da UFPA é uma unidade da universidade federal do Pará, então não disponibilizou para o corpo docente,</p>

inicialmente eles estavam tentando uma sala, alguma coisa lá, mas não disponibilizou. Das plataformas digitais, sim. Houve sim, pela universidade, eles ofertaram muitos cursos, inclusive a equipe de informática da escola também se organizou, a coordenação, oferecendo cursos, e essa questão dessa instrumentalização, houve realmente muitos cursos e eles organizaram toda essa questão da plataforma para que nós tivéssemos acesso, isso realmente teve”.

- b. “sim, eu tive que estruturar, comprei aquela luz que ilumina, todos aqueles equipamentos que tu possas imaginar, o fone pra no caso diminuir os ruídos, todos esses equipamentos, nós tivemos que comprar, os professores realmente tiveram que arcar com esse ônus aí, inclusive eu tive que comprar uma mesa, eu e o meu esposo, porque meu esposo é professor de física e eu sou de educação física, e os dois trabalham lá na escola de aplicação. E aí, ele teve que comprar uma mesa digitalizadora, já que ele ia precisar muito desse recurso, eu tive que equipar algumas coisas, eu tive que comprar um outro notebook, o anterior estava com probleminha, na verdade eu ajetei o outro computador para ofertar para os nossos alunos, o computador e um celular...então nós tivemos que dar conta disso daí...”
- c. “sim, houve muitos relatos na verdade, houve uma pesquisa que foi feita pela coordenação do ensino médio e do fundamental II, identificaram que a escola já tinha 1500 alunos matriculados no ano letivo de 2020, e dentre esses alunos, 40% viviam em uma situação assim de extrema pobreza mesmo, sem qualquer acesso, com extremas dificuldades de acesso a
- d. equipamentos tecnológicos, diante desse contexto, a universidade, ela soltou um edital pela SAEST para que os alunos tivessem acesso a chip, a celulares, internet. No entanto, esse edital eu digo que foi mais excludente do que inclusivo, porque imagina que esse edital com tantas riquezas de detalhes que os pais não conseguiam, eram uma dificuldade e os professores e a coordenação, eu inclusive estive na coordenação, tentando ajudar preencher com alguns pais, fui chamada pela coordenação também para que a gente ajudasse, mas era extremamente excludente, o edital parecia o Enem, uma seleção para poucos. Ou seja, esse ensino remoto para a escola pública na verdade, extremamente excludente, na escola nem esse edital deu conta. E

	<p>áí, esses alunos, a escola por iniciativa da coordenação, os professores doavam celulares, eu doeí um computador e um celular, meu esposo também pra que os alunos conseguissem ter acesso, sabe? Foi isso”</p>
<p>F</p>	<p>a. “a escola disponibilizou instrumentalização, em relação a plataformas em si, tipos sites, coisas específicas vieram depois. No início do ano passado, de 2020, a gente ainda estava muito incerto, e por isso a gente não aderiu ao ERE. A escola, como ela é dividida, os anos iniciais, fundamental I, fundamental II, ensino médio e a EJA, elas têm sua própria coordenação, e cada coordenação tem sua autonomia...</p> <p>Ela disponibilizou instrumentalização a partir do grupo de informática da escola, e na época também alguns professores ainda não tinham saído, com isso eles estavam fazendo todo tempo instrumentalização conosco junto com o grupo que é grupo do google, e aí a gente começou a usar a plataforma do google pra começar a iniciar esse processo de instrumentalização, todo esse arcabouço, que no caso a gente utiliza até hoje em algumas coordenações, então quais foram elas por exemplo: o próprio gmail, o bolt, teve cursos também por excel, cursos também pra utilizar a própria plataforma meet, que é a plataforma que se utiliza hoje, então em parceria com o education, com a universidade também, nós tivemos essa instrumentalizações desde o ano passado pra fazer uso nas coordenações que optaram pra fazer uso parcial dessas plataformas ou então daquelas que desejaram utilizar total ou não.</p> <p>b. “sim, creio eu que todos os professores tiveram que fazer algum tipo de reforma, não só de reforma, mas de compra de material, de toda uma forma de preparar pra gente ter um mínimo contato, que eu acredito que a parte mais difícil hoje em relação a internet. mas eu tive que fazer várias reformas em casa, esse espaço que eu tô agora é só para o trabalho, e além disso eu precisei adquirir equipamentos sem nenhum auxílio, apesar de que na época foi aberto um edital de auxílio aos professores tanto pra material, quanto pra internet, mas então na época eu não necessitava, e reforma de notebook, já que não dava pra comprar um novo, troca de celular, compra de outra internet que dê condições de trabalho onde eu poderia tá fazendo esse momento</p>

agora que a gente tá fazendo, participar de uma entrevista ou de reuniões e mesmo assim, as vezes não é o suficiente, então teve que fazer uma reforma tanto estrutural, como de material também, tanto de espaço pra melhora pra poder não ter tanto barulho, pra poder conseguir um ambiente pra fazer e participar das aulas, como também na questão de material, extremamente necessário pra gente tá se comunicando”.

- c. “sim, na verdade não são relatos, cada coordenação fez sua pesquisa, junto com os seus alunos, junto com os seus responsáveis pra saber quais eram as realidades, te falo com mais precisão da coordenação do fundamental I que teve toda uma preparação e organização pra que fosse feito um documento onde a gente verificava quais eram as realidades dos alunos, os responsáveis respondiam as perguntas, tanto em termos socioeconômicos, de material e conectividade na sua casa, como material disponível e etc e afins, disponibilidade de tempo e tudo mais. Então, quando os alunos não possuíam equipamentos ou conectividade, a gente fez essa minuta, então, nenhuma atividade foi realizada sem antes ser feita uma pesquisa prévia junto aos responsáveis. Então porque a gente não aderiu no fundamental I o ensino remoto? Porque a gente percebeu e verificou que a maioria das crianças não tinham acesso a internet, seja ela móvel ou fixa, não tinham condições de celular ou computador pra acompanhar e as vezes quando se tinha, não disponibilidade, porque o celular era do responsável e ele levava pro trabalho, então a criança não tinha pra si, ou então pra fazer esse processo de acompanhamento e a partir dai a gente entrou nesse diálogo de não aderir o ensino remoto. Além disso, a ufpa também liberou dois editais pra compra de materiais e pacotes de internet, e mesmo que muitos alunos, tanto do fundamental I, II e médio tenham sido abraçados, mesmo assim a demanda não era o suficiente, ainda precisaria que outras pessoas pudessem ser abraçadas por esse edital. As medidas tomadas, no meu atual cenário, no ensino fundamental I, são os encontros, a construção do material, que são cadernos e na EJA, a gente tem também a construção de material e aí nós temos também os encontros que a gente faz extra com aqueles alunos que optaram por participar e a gente deixa gravado para aqueles alunos que depois vão poder baixar o material e assistir depois. Então são

	organizações completamente diferentes, desde os anos iniciais até a EJA, porque cada uma vai ter sua particularidade, cada uma tomou uma decisão diferente”.
SÍNTESE	
<p>Em relação a instrumentalização para a atuação com as plataformas digitais, todos os professores entrevistados alegaram que sim, foram ofertados diversos cursos pela UFPA, entretanto alguns sinalizaram que sentiram dificuldades durante as aulas pela falta de tempo para se familiarizar com as plataformas.</p> <p>Referente ao questionamento sobre a reformas estruturais, todos os professores tiveram que realizar gastos seja em reformas concretas em suas residências e/ou seja na compra ou manutenção de equipamentos e internet de qualidade que pudessem sustentar as suas demandas.</p> <p>Sobre relatos de alunos sem equipamentos e/ou conectividade para acompanhar as aulas, todos os professores em suas respectivas turmas, mencionaram que haviam muitos alunos que não possuíam equipamentos e conectividade. E uma das formas encontradas para amenizar esse grande impacto, foi a abertura de editais que ofertavam equipamentos e chips para aqueles alunos que fossem contemplados. Entretanto, na fala de todos os professores podemos encontrar indícios de que o edital se tornou excludente, por ser ofertado na forma de processo seletivo, deste modo, inúmeros alunos apesar de se encontrarem em situações de extrema pobreza, ainda assim, não conseguiram ser contemplados. Diante disso, ações realizadas pelas próprias coordenações dentro da EAUFPA, mobilizaram o corpo docente a fazer doações de equipamentos para esses alunos. E professoras que atuam na Educação Infantil e anos iniciais, através da criação de uma minuta, decidiram não aderir ao ensino remoto nessas condições.</p>	

Quadro 1: elaborado pela própria autora.

Práticas docentes e condições de trabalho.

Nesse eixo, as perguntas foram direcionadas principalmente para compreender sobre o processo de aumento da sobrecarga em relação a jornada de trabalho no ERE (a), principais desafios encontrados dentro do ERE em relação especificamente a disciplina de Educação Física (b), dificuldades para formular e/ou encontrar atividades adequadas para essa modalidade de ensino (c) e como tem sido construído o processo de avaliação

dos alunos levando em consideração a dinâmica virtual que as aulas têm sido ministradas

(d). As respostas para esses questionamentos encontram-se no quadro a seguir:

PROFESSORA	RESPOSTA
A	<p>a. “difícil de falar isso...de um ponto de vista, sim, porque é cansativo dar aula e trabalhar aqui, quando eu falo trabalho tem a reunião, tem o planejamento...eu faço um trabalho que é interdisciplinar, educação física, filosofia e sociologia, no primeiro ano, então eu tô tendo que tá toda hora reunindo com as minhas colegas, o nosso planejamento é integrado, a gente da aula junto, faz questionário de avaliação junto, monta atividade junto, então isso intensificou no sentido de reuniões, cansaço mesmo, mas também teve alguma flexibilização porque também o meu tempo de aula diminuiu, o tempo de encontro com os alunos...no geral, eu posso dizer que sim, porque eu não gosto de trabalhar nesse modelo. Sendo bem sincero também”.</p> <p>b. “(...) pra algumas disciplinas meio que não teve muita dificuldade de dar aula “aqui” porque se fez o mesmo, só mudou o local, mas se fez o mesmo que é a aula como discurso, mas pra Educação Física isso já teve uma penalização que a gente acabou prejudicado na coletividade, na experiência corporal, na interação, então o primeiro desafio foi readequar a disciplina pra esse modelo. Então basicamente a gente tem trabalhado com o ponto de vista da exposição das práticas corporais do que a gente chama de uma dimensão mais conceitual mesmo, então naturalmente nosso trabalho tem um prejuízo é nessa relação teoria-prática, o máximo que eu chego é apontar alguns vídeos, algumas possibilidades de práticas, mas não tenho nenhuma pretensão e achar que isso é o máximo, eu acho que tem que ter também autocrítica em relação não só ao nosso trabalho, mas as condições que a gente tá trabalhando (...) eu tive que fazer uma modificação, eu usava slide, apostila, fazia uma relação teoria-prática nas aulas mesmo do presencial, geralmente eu começava com uma parte de experiência e depois uma parte expositiva, ou o contrário, então agora nesse novo formato eu tive que reformular todos os meus slides, dar mais atenção para fotos, pra descrição de fotos, aprender a usar melhor vídeos, aprender a montar melhor as apostilas, antes lá no</p>

presencial a gente colocava só tópico, e agora tem que ter uma explicação melhor porque o aluno só estuda por aquele slide por vezes...então aquilo tem que tá bem explicadinho, então são essas séries de readequações, o tempo de aula também. Pra citar aqui algumas, mas eu avalio como um prejuízo pra disciplina de Educação Física dentro da concepção das disciplina que eu tenho que é formulada pelo professor Mauro Benti e pelo professor Valter Bratch que vai falar que a disciplina trabalha com o “saber orgânico” que é: “saber fazer”, ter experiência com as práticas corporais; “saber sobre esse fazer”, ou seja saber conceitos, aprender elementos sobre o que a gente faz, e sentir, “sentir sobre esse fazer”, essas práticas corporais causam sensações na gente. Até escrevi em um trabalho que nessa dimensão a gente perde a possibilidade do “saber fazer” e do “sentir sobre o fazer” e a gente fica no que eles chamam de “discurso sobre”, numa dimensão de discurso, numa dimensão conceitual que é o “saber sobre”, então só ai tu ver como esse conhecimento fica fragmentado, dando uma explicação teórica pra isso.

- c. “no começo, sim. Principalmente nas formas de avaliação, a gente pensava em algumas questões de avaliação mais completa, só que a gente viu que quanto mais simples, melhor nesse momento por conta da devolução dos alunos. Imagina o que é tu ter que fazer uma prova no celular...então meio que os instrumentos foram mais simplificados, a gente usa também o kahoot que é um quiz mais interativo, e perguntas e respostas, bem legal também. Geralmente é kahoot, questionário, usando bastante vídeos curtos de 3 a 5 minutos, no máximo...exploração de imagens, tudo isso tendo que ser readequado. No começo, eu tive dificuldade pra dar uma hora de aula, como é que ia ser minha dinâmica em uma hora? Como eu iria interagir com meu aluno? Então eu uso muito o recuso do chat, estímulo com questões-problema pra eles conversarem comigo no chat, quem se sente à vontade liga o áudio e fala, essas turmas do meu ano falam bastante, é até legal... ano passado, não. Uso também esses quiz de verdadeiro ou falso em avaliação e em outros momentos...tem um negócio que eles gostam bastante, todo final de aula eu resolvo com eles, a partir do conteúdo da aula, uma questão do Enem da disciplina de educação física,

	<p>geralmente eu lanço esse desafio, tudo isso como estratégia, mas no início, eu tive dificuldade sim.</p> <p>d. “A avaliação ela tem se dado de forma interdisciplinar, onde a gente trabalha por módulos. É assim, o mês tem quatro semanas e cada semana entra pra dar aula, um grupo específico de professores de disciplinas, eu entro junto com filosofia e sociologia, tem uma semana que entra ciências da natureza, outra semana outras disciplinas, e naquela semana a gente dá aula segunda, quarta, sexta e terça e quinta fica para as atividades. Segunda e quarta eu dou aula sozinho de Educação Física e sexta eu dou interdisciplinar, dá uma aula junta com o tema junto, educação física, filosofia e sociologia, bem legal dia de sexta feira... e a avaliação também é interdisciplinar, a gente faz por bimestre dois questionários de avaliação, um com seis questões objetivas de múltipla escolha e outro que são com questões discursivas, o segundo, questões bem interdisciplinares discursiva. Então você imagina que o aluno, ele faz só dois instrumentos de avaliação, a gente tem um retorno muito grande, na última atividade, 150 fizeram, porque eles reclamam que as outras disciplinas por exemplo, só de uma disciplina como ciências da natureza eles tem 7 objetos por bimestre, então você imagina o que é ter somente dois e contar para as três disciplinas... é assim que tem sido nossa avaliação, isso foi uma estratégia para o momento e também porque a gente não quer reprovar aluno e quer ter mais retorno, até porque nem sempre a quantidade de instrumentos quer dizer qualificação de aprendizado, ainda tem isso...”</p>
B	<p>a. “sim, eu senti muita sobrecarga de trabalho. Eu senti que a nossa jornada de trabalho aumentou expressivamente, principalmente porque primeiro que a gente tá exposto o tempo inteiro a demanda de trabalho nesse ambiente virtual, como trabalho entrou nas nossas casas, a gente também precisou dividir as nossas tarefas domésticas com as nossas demandas de trabalho. Então tudo isso gerava sobrecarga porque a gente precisa se dividir entre todas essas demandas, então ficava muito difícil de administrar, fica muito difícil porque a gente ainda tá dentro do processo. Então, hoje eu consigo estabelecer melhor um horário de trabalho, então eu começo tal hora, termino, paro, depois retomo, volto, então precisei compreender o que era esse novo</p>

movimento na minha vida pra que eu pudesse não entrar num processo de adoecimento que eu cheguei a entrar por conta da demanda de trabalho, então eu senti uma sobrecarga muito grande por ter que me dividir. Porque o trabalho além dele estar mais presente por conta de ser virtual, eu tenho que me dividir entre a minha casa e o meu trabalho tudo ao mesmo tempo agora”.

b. “eu acho que o maior desafio encontrado dentro dessas perspectiva remota, na verdade foi a gente conseguir encontrar um lugar saudável de trabalho, pra gente e para as crianças saindo de uma perspectiva conteudista e entendendo que o que a gente precisava naquele momento não era trabalhar com especificidade, não era contemplar conteúdos, mas trazer as crianças pra um ambiente de aprendizagem lúdico, prazeroso, que a gente pudesse se conectar conosco, com as pessoas que estavam dentro da nossa casa, com natureza na medida do possível, então a maior dificuldade foi fazer com que o nosso coletivo encontrasse esse lugar de conexão das diferentes áreas do conhecimento. Então foi o maior desafio até a gente conseguir se alinhar dentro dessa perspectiva interdisciplinar e até transdisciplinar, foi difícil, mas quando a gente conseguiu compreender que a gente precisava de conectividade nesse momento, muito mais do que a conexão com as telas, mas uma conexão humana mesmo e uma conexão entre as áreas do conhecimento, a gente conseguiu transpor algumas fronteiras importantes.

c. “o professor que disser que não enfrentou dificuldade nesse período em termos de pensar como que a gente alcança uma aprendizagem significativa dentro de um lugar que a gente não costumava habitar que era esse ambiente virtual, eu acho que ele vai tá ali blefando porque eu acho que foi difícil pra todo mundo. E ai, eu me coloco no lugar do coletivo, pra nós, ali, a forma que passou atuar coletivamente foi o que sustentou esse movimento, então sim, as dificuldades vieram, porque como é que a gente vai, a Educação Física por exemplo, o nosso campo de conhecimento, ela trabalha a potencialidade do corpo, da experiência humana em expressão constante, e a gente não conseguia fazer isso totalmente pelas telas, então a gente precisou buscar recursos, eu falo a gente porque houve um trabalho coletivo muito forte, não só entre as professores de

Educação Física que estavam e estão atuando nessas mesma etapa de educação, mas também as outras professoras de outras áreas de conhecimento, então a gente precisou de um trabalho coletivo muito forte, então sim, nós tivemos dificuldades mas foi no coletivo que a gente encontrou caminhos pra conseguir trilhar algo possível , uma aprendizagem possível dentro do que a gente tinha no momento”.

- d. “Eu penso que esse tem sido nosso maior desafio. Então, a princípio nós construímos alguns dispositivos pra acompanhamento da aprendizagem das crianças pensando nas experiências dos encontros educativos, nas experiências dos cadernos de aprendizagem que a gente promovia, então a gente passou a solicitar das famílias que nos ajudassem nesse processo por elas serem as nossas vozes dentro de casa com as crianças, então nós pedimos registros digitais no primeiro momento porque nós não tínhamos condições de receber os cadernos por conta da pandemia, então o nosso recurso foi pedir registros digitais das atividades, algumas atividades específicas nós pedíamos os registros e essas atividades compõe o portfólio digital das crianças, a gente deixa isso tudo arquivado , isso relacionado aos nossos cadernos de atividades. Para os nossos encontros educativos e brincantes, a gente estabeleceu um diário de bordo, então tudo que acontece nos encontros a gente toma nota, então dentro de um sistema de “co-docência” que a gente chama, a gente trabalha, a gente entra todo mundo junto nas salas virtuais, então enquanto dois professores ou professoras estão ali sustentando o encontro, a energia daquele encontro, o outro tá tomando nota de tudo o que acontece no encontro, de cada criança, de cada movimento que dentro dele e depois nós nos reunimos e tomamos notas juntos daquele momento, então todo mundo coloca seus registros ali, então a gente tem tentado fazer dessa forma o acompanhamento de aprendizagem das crianças, a gente sabe que a gente não consegue alcançar todo mundo, nem todas as crianças participam dos encontros e nem todas as crianças fazem registros dos cadernos e isso também acaba sendo um termômetro pra gente pra quando a gente voltar. Então a gente faz esse acompanhamento não só pra que a gente possa avaliar nosso trabalho agora, mas também pra poder estabelecer as nossas rotas pra frente, como é que a gente vai voltar? Que crianças é essa que tá voltando? Como que ela tá

	<p>voltando pra escola? Então esse acompanhamento é justamente a nossa bússola pra saber o que a gente tem hoje e como é que a gente vai proceder mais pra frente”.</p>
<p>C</p>	<p>a. “não, no meu caso específico, na minha disciplina, não. Eu acredito que a sobrecarga é sobre a carência de informação e de uma capacitação mais aprofundada, pra que nós pudéssemos manusear e trabalhar com as plataformas e recursos ofertados, aí nós tivemos um pouco de estresse, mas o básico que é entrar na sala de aula, fazer planejamento, é muito tranquilo”.</p> <p>b. “eu acredito que sobre especificamente a Educação Física ela tem um histórico de “uma disciplina prática”, então olhando dessa forma culturalmente construída, eu acho que houve uma dificuldade muito grande de não estarmos presentes, do exercício físico, das brincadeiras, dentre outras coisas que é muito específico da educação física, porém a escola de aplicação dentre outras escolas , nós, a gente tá tentando mudar essa visão que a comunidade tem da Educação Física de que ela é apenas aulas práticas, aulas de brincadeiras, aulas de exercício, então nós já temos algum tempo esse contato, vamos dizer assim, teórico dentro de sala de aula, então a nossa comunidade já vem se adaptando ao longo do tempo sobre essa situação. Então, mas ainda hoje os alunos perguntam muito sobre essa questão de não estarmos no ginásio, não estarmos no campo de futebol, não estarmos nas brincadeiras, não estarmos na ginástica, então a principal dificuldade que eu vejo é essa presença física”</p> <p>c. “não, não tive não”.</p> <p>d. “nós entramos no google forms e formulamos alguns testes pra que eles respondam de acordo com o que foi tratado nas aulas. Durante as aulas nós também fazemos isso daí, e aí, no final de cada ou na metade de cada semestre de acordo com cada conteúdo nós fazemos essas avaliações, porém devido a novidade do ensino remoto, nós somos orientados a trabalhar até no mínimo dois instrumentos avaliativos, no máximo três instrumentos avaliativos e dividindo essa quantidade para que não haja sobrecarga dos alunos, até porque como eu falei anteriormente essa novidade do ensino remoto, todos nós ainda estamos nos adaptando e a quantidade de informação dentro</p>

	de uma plataforma pra que os alunos procurem, é muito grande....”
D	<p>a. “sim, intensificou sim o trabalho docente, e muito porque além da dificuldade que você tem em mexer nas ferramentas, de entender as ferramentas, você tinha que se planejar pra esse tipo de ambiente, que é o virtual, então além disso, ainda tinha que planejar para os cadernos impressos”</p> <p>b. “um dos principais desafios é essa questão do conhecimento das ferramentas, da intimidade com as ferramentas, eu tive muita dificuldade e isso dificulta um pouco e a outra dificuldade é você planejar os momentos de prática com os alunos, é muito difícil por conta do espaço, por conta do tempo, e isso foi um grande desafio”.</p> <p>c. “não, nós temos um apoio da coordenação de educação inclusiva, e então fica mais fácil, nós temos digamos assim, se eu tenho um aluno com determinada dificuldade, elas orientam como eu posso adaptar ou como eu posso produzir um material pra eles”</p> <p>d. “olha nós temos dificuldade nessa questão da avaliação, porque nós sabemos que as crianças, elas se concentram menos, elas têm outras coisas que dentro de casa que tiram sua atenção, o meio virtual, ele não propicia o aprendizado de maneira efetiva, então não tem como avaliar, é muito difícil você chegar pra avaliar esse tipo de metodologia que tá sendo utilizada”.</p>
E	<p>a. “nossa, é uma sobrecarga que eu não sei nem como colocar pra você, porque assim, nós atendemos os alunos, não tem horário, eles enviam mensagem tarde da noite, por quê? Porque muitos alunos como ainda não estão na escola, os pais colocaram pra trabalhar, sabe? Eles estão as vezes na feira trabalhando, tão trabalhando como ajudante de pedreiro, crianças e do ensino médio também, e tem aluno que diz: “professora, eu não pude assistir sua aula porque eu tava na feira vendendo com meu pai”, então é muito complicado e quando esses alunos têm acesso pra falar conosco, nós temos que estar a qualquer momento, sabe? E eu sou uma professora, que se o aluno entra em contato comigo, eu vou falar, eu vou enviar a atividade, bato foto, o que tiver que ser feito eu vou fazer naquele momento, então a sobrecarga de trabalho é imensa realmente”</p>

- b. “bem, com a disciplina de educação física, eu acho assim, que o principal desafio é práxis, né? Na prática educativa, ou seja, a relação teoria e prática que ocorre por meio das mediações, tendo como objeto a cultura corporal, que eu defendo minha concepção de cultura corporal de movimento, não só a cultura corporal mas a cultura corporal de movimento e como eu defendo essa concepção, a gente entende que através da cultura, que é por meio da cultura que se estabelece essa relação do conhecimento, essa relação crítica e autônoma, ela necessita do corpo, pra que essa relação teoria-prática aconteça nessa práxis educativa, na Educação Física estabelece por meio do corpo, a criação simbólica, esse corpo que interage, que comunica o homem com o mundo e isso, eu não consigo fazer, eu não consigo ter esse momento, essa relação, essa práxis educativa, eu não consigo no ensino remoto, o que eu faço aqui é um discurso da educação física, um discurso sobre a prática, entendeste? É discurso, pra mim, não é Educação Física o que a gente faz aqui no ensino remoto, os alunos estão no celular, não ligam a câmera, eu estou no discurso, no discurso da educação física, no discurso da prática”
- c. “dificuldades não, eu tive frustrações. Porque dificuldades, como eu tô te falando, é um discurso, a gente acaba tendo que se encaixar numa perspectiva cientificista da Educação Física que isso já era pra ter sido superado aqui, a gente acaba se encaixando nisso, se encaixando apenas na teoria, pelo remoto...ah professora, você não pode fazer uma atividade prática no remoto? Meu bem, nós estamos trabalhando com alunos da escola pública, com alunos que não ligam a câmera com receio de aparecer onde eles estão, na casa de madeira, no fundo do quintal ou lá perto de onde eles têm internet no mercadinho, como é que a gente vai fazer alguma atividade, uma coisa que os alunos vão ter que trabalhar com o corpo diante de um celularzinho que o aluno não consegue ligar a câmera ou tem vergonha ou alguma coisa assim, é muito complicado a realidade dos nossos alunos. Uma vez, eu acho que a criança sem querer deixou a câmera aberta, abriu assim rapidinho, mas depois ela fechou, ela estava debaixo da mesa da cozinha da casa de madeira, parecia que ali era o único local mais tranquilo da casa, então sinto que as dificuldades não foram tantas porque nós como professores, nós temos muito aprofundamento teórico, então quando eu tô falando ali sobre o esporte, sobre a dança, sobre as lutas, fazendo as relações, quer seja com vídeos, claro a gente tenta fazer sempre esse tipo de

	<p>dinâmica, mas isso não atravessa o corpo, realmente a experiência precisa atravessar o corpo, precisa ser sentida nesse corpo pra que tenha sentido realmente, pelo menos é isso que eu defendo, então acaba sendo só um discurso, e discurso vai por meio do meu conhecimento, por meio dos vídeos, por meio dos slides, dessa questão, então é uma frustração, dificuldade eu não tive em expor esse conhecimento, formular atividades assim...”</p> <p>d. “olha, a avaliação ela é processual, é ao longo de todo esse processo, ao longo das aulas, mas não tem essa cobrança na perspectiva do síncrono, dos alunos na participação, da aula no momento síncrono, o momento que é via meet, não. Geralmente, o que a coordenação solicitou para os professores, é que nós tivéssemos cuidado com essa questão da avaliação, até porque em 2020 os alunos não tinham, ainda bem né, bom senso, os alunos não eram reprovados, não teve essa questão e em 2021 nós também tivemos muita compreensão em relação a isso, então a gente tenta colocar nossas atividades muito relacionado com as questões da pandemia, os nossos temas, os nossos conteúdos com questões atuais e atividades sempre atreladas ao entendimento deles, a concepção mais crítica de entendimento, uma atividade mais relacionada nesse sentido sem que haja essa perspectiva muito da cobrança, muito da nota, você vai reprovar, você vai isso ou aquilo”.</p>
F	<p>a. “bem, pra te falar a verdade, eu sou professora substituta e por uma questão de obrigação na organização do professor substituto a gente tem que acompanhar 10 turmas, é uma carga horária, então a sobrecarga é muito grande, ela chega ser exaustiva porque o tempo de trabalho, ele mais que triplicou. Porque antes, tu tinhas um tempo de planejamento dentro da escola, na realidade presencial, onde tu conseguias organizar e estar presencialmente dialogando e lá na EA, a gente tem uma organização de que forma? A gente tem o nosso horário-aula e o contraturno ele é justamente pra esse momento de reuniões, de planejamento e isso vice-versa. No remoto, a gente a aparência que isso facilitaria, seria melhor porque mesmo tu estando em algum lugar ou fazendo alguma coisa, tu estarias ali, mas ao mesmo tempo quando você observa, enxerga isso, em termos de jornada de trabalho, você vê que ela triplica, porque além de você tá num momento de construção coletiva em um horário, no outro horário</p>

“você está em aula com uma outra coordenação, as vezes ainda assim, a noite você tem reuniões e aí, além de ter reuniões, você tem formações, e além de ter formações, além daquele período de horário que você fica ali, ultrapassa muito mais, essa noção de respeito de horários, de estar em casa e de não estar em casa, no sentido de tá no momento de trabalho, ela mudou completamente. Então essa jornada ela triplica. Hoje é muito fácil você encontrar não só professores de educação física, mas outros professores, dez, dez e meia da noite terminando uma reunião ou uma formação, ou uma ação, ou um documento, ou passando pro final de semana, levando demandas do trabalho que triplicaram também, porque as vezes eram provas pra corrigir que o professor tem esse hábito de levar porque ele tem uma demanda grande ali, mas além disso tem outras coisas, tem construções de materiais, a gente teve que apropriar muito também dessa fase de elementos de construção de vídeo, de elementos de construção de cadernos, de aprender utilizar outras plataformas de edições e isso requer um tempo, isso requer um estudo, uma análise e essa jornada ela se tornou muito exaustiva, então teve todo esse processo e essa sobrecarga e isso recai inclusive na nossa saúde, então a gente passa mais tempo sentado, a gente passa mais tempo comendo de forma errada, a gente não tem mais o horário do almoço pra sentar e comer, a gente tá com o notebook na frente e comendo ao mesmo tempo, então esse processo de sobrecarga é tanto na jornada de trabalho que é reflexo em vários outros sentidos”

- b. “O desafio talvez maior pra mim, eu tive muito contanto e 2019 e início de 2020 com as crianças até antes da pandemia e depois quando aconteceu de aparecer essa doença no mundo, eu tive esse afastamento com todos os professores, e acredito que assim como eu, a maior dificuldade é essa relação com as crianças hoje, justamente de não poder tá perto, porque eu gosto muito, muito mesmo de tá dialogando com as crianças, de tá conversando, movendo (...) Em termos da educação física, na relação específica da área, é poder tá trazendo conversas e diálogos com eles, numa tentativa de prática também, eu vejo numa situação muito de experimentos, sensações, mas não com aquela carga de obrigatoriedade, a gente teve que mudar muito essas perspectiva... no fundamental sem a obrigatoriedade, porque não há ensino remoto e na

EJA são elementos também de uma realidade conhecimento deles e a gente vai dialogando muito com eles sobre os elementos da educação física... e os desafios são os maiores, desde elementos de conteúdos, desde de possibilidades práticas, a gente tem desafios de gravações de materiais pra tentar fazer entregas, então nesse sentido são vários os desafios”.

c. “olha, eu acredito que até hoje a gente tem dificuldade, é um processo que a gente precisa tá repensando a todo o momento, eu busco repensar minhas práticas, meus estudos sempre, eu tento muito e me esforço muito pra me não me enrijecer....que é ficar naquele pensamento do que é certo, do que é errado, de trazer as coisas e só aquilo tem que ser assim, infelizmente a gente vê muito disso por ai e a gente não procura entender os processos, refletir...ai, isso busca também o teu tempo de estudar, de trazer elementos que podem tá dialogando e experimentar(...) então, pra cada realidade, a gente tem que fazer todo esse processo de entender, se comunicar, de como é que vai construir um material na tentativa dele ser mais acessível possível, buscar outras leituras, buscar expandir nesse meio, participar de mais eventos, pra gente poder tentar minimamente porque é um processo muito difícil, chegar próximo desses alunos. Então tiveram várias dificuldades, seja por tempo pra estudar, seja por tempo pra se apropriar, porque a ideia de tempo hoje, é muito sensível... você não tem mais um tempo de pegar um livro e ler com calma”.

d. “a gente não teve até então, o processo avaliativo, porque para te ter um processo avaliativo, você precisa de uma formulação de um processo de aula, de ensino. E se você não defende um processo de ensino remoto para aquela realidade, tendo em vista que não tem condições e circunstâncias, então obviamente não se tem o processo avaliativo. Se não temos condições de dar aula para as crianças porque a maioria não tem condições de ou participar no horário ou porque a maioria não tem condições porque não tem acesso, porque não tem o material ou porque não tem internet, ou porque não tem quem acompanhe, e entre outro múltiplos fatores que tem na minuta, então a avaliação não ocorreu por conta disso. Hoje a gente já tem outras demandas, porque esse processo foi se modificando também(...) nos

	<p>outros níveis, que não era online com eles, era na entrega de materiais, a gente teve a avaliação processual, como eu fiz atividades discursivas e eu sempre deixei muito claro nos meus materiais, o que estava sendo observado, o que seria avaliado, como ocorreria o processo, com uma notinha no início do material dando “boas vindas” conversando com eles, dizendo que era importante daquele material e que no final, a gente estaria observando como eles conseguiram chegar nas respostas e tudo mais. Então o processo avaliativo foi diferente, e a valoração desse material foi feita de forma destrinchada, processual. Quando a gente vem pra realidade desse ano, a gente ainda não tem avaliação no fundamental I por tudo que eu já mencionei e na EJA, a gente tá com o processo de acompanhamento, as atividades são na maioria discursiva, muito do que eles conseguem observar e discutir com a gente a respeito do material, poucas atividades, inclusive, a avaliação foi toda repensada pra EJA, desde o bimestre para o atual que é de linguagens, para os encontros, para o projeto de vida, e aí, a gente tem outra perspectiva de avaliação lá e essa avaliação ainda está acontecendo, ainda está em processo”.</p>
--	---

SÍNTESE

Sobre o questionamento se houve ou não sobrecarga de trabalho durante o ERE, apenas um professor disse que não houve sobrecarga, segundo ele, o que ocorre é “uma carência de informação e de uma capacitação mais aprofundada para o manuseio das plataformas e recursos ofertados”, esses dois pontos levam ao estresse dentro dessa nova modalidade de ensino. Os demais professores concordaram que houve uma sobrecarga expressiva em suas jornadas de trabalho, principalmente por estarem expostos o tempo inteiro a demandas no ambiente virtual, seja ela ao ministrar as aulas, seja nas inúmeras reuniões e formações e até mesmo em aplicativos de conversas instantâneas tirando dúvidas dos alunos.

Quando foram perguntados sobre os maiores desafios em relação especificamente sobre a Educação Física nessa nova modalidade, as respostas foram diferentes porém, todas se encaixavam na maior perda que a disciplina teve nesse período, sem práticas educativas sendo vivenciadas de forma conjunta e presencialmente, Educação Física desenvolvida apenas pelo e para

o discurso, perdendo sua “relação crítica e autônoma” que “necessita do corpo para que essa relação teoria-prática aconteça na práxis educativa”.

Em relação as dificuldades encontradas no encontro e na formulação de atividades adequadas para o ERE, um professor (do ensino médio) disse que não encontrou dificuldades em relação a isso. Outra professora (fundamental II) comentou que não encontrou dificuldade e sim frustração em presenciar que alguns alunos seus não tinham condições alguma de ligar a câmera ou porque ela não funciona ou por vergonha do ambiente em que ele se encontra. Os demais apontaram que as dificuldades foram diversas e a principal é a de que “para cada realidade, a gente tem que fazer todo o processo de entender, se comunicar, de construir um material na tentativa dele ser mais acessível possível”.

Sobre a o último questionamento desse eixo, que foi voltado para o processo avaliativo. Um professor (ensino médio) disse que a avaliação tem se dado de forma interdisciplinar e por módulos, são realizados dois questionários de avaliação por bimestre “um com seis questões objetivas de múltipla escolha e outro que são com questões discursivas, o segundo, questões bem interdisciplinares discursiva”. Outro professor (do ensino médio) contou o seguinte: “nós estramos no google forms e formulamos alguns testes pra que eles respondam de acordo com o que foi tratado nas aulas” da mesma forma que ele faz durante suas aulas. Nos anos iniciais, foi solicitado que as famílias ajudassem no processo avaliativo, mandando para as professoras “registros digitais das atividades” para que fossem anexados nos portfólios digitais das crianças, isso em um primeiro momento. Para os encontros educativos e brincantes que acontecem virtualmente, os professores criaram um “diário de bordo” onde se toma nota de todas as dinâmicas realizadas, de cada criança que participou, etc. Nos demais níveis, as avaliações acontecem de forma processual, com questões mais voltadas para a pandemia, sem que haja a perspectiva da cobrança e lhes foi instruído que eles usassem no máximo dois instrumentos avaliativos.

Quadro 2: elaborado pela própria autora.

Sobre o processo de inclusão dos alunos com deficiências

Nesse eixo, buscou-se através dos questionamentos investigar como estava sendo construído o processo de inclusão das crianças com deficiências dentro do ERE (a), como está sendo a frequência desses alunos durante as aulas da disciplina (b) e se os alunos com deficiência estão conseguindo ter acompanhamento, como por exemplo dos cuidadores que eram disponibilizados anteriormente, no modelo presencial (c). As respostas encontram-se no quadro abaixo:

PROFESSORA	RESPOSTA
A	<p>a. “nós temos uma coordenação de educação inclusiva, muito boa por sinal que dá suporte de formação para nós. Então todo começo do ano, nós temos uma reunião onde nos são apresentados que são essas crianças/jovens com deficiência, quais são suas deficiências e quais estratégias nós podemos estar utilizando. Pra mim, isso já é um ponto de partida fundamental, eu recebo relatório, então eu sei que são os meus alunos (...) Esse ano eu tenho uma aluna, com deficiência cognitiva e alguns prejuízos motores e coisa do tipo, em decorrência a deficiência cognitiva, meio que aluna tem 15 ano e se porta, tem hábitos de 10 a 12 anos e tudo mais. Então, ela faz todas as atividades, ela participa da aula normal, só que a gente faz um processo de adaptação curricular, a atividade dela é adaptada, isso por recomendação da coordenação. Ela faz atividade interdisciplinar também, a gente acha que é direito dela ter acesso a essa forma de conteúdo também, só que a gente tem utilizado com ela um quiz, que é o kahoot...Então, a questão pra deficiência cognitiva dela não pode ser tão complexa, então não pode ter muitos textos, tem que ser mais direta e a gente faz isso na forma de joguinho, a gente tá trabalhando também com o mapa mental, ela construiu um mapa mental aa partir dos conteúdos e tudo mais, depois explicou pra gente a construção dela do mapa mental, foi outra estratégia que deu bastante certo. A gente sempre após qualquer atividade, busca falar com ela depois. Porque o processo de compreensão dela é diferente, ela precisa falar, a gente precisa entender como é que ela tá entendendo aquilo, não é só o que ela marcou, não é só o que ela botou no mapa mental. Isso tudo que eu tô falando eu faço junto e decido junto com a professora de filosofia e de sociologia, sobre aval da coordenação de educação inclusiva, a gente manda antes nossas atividades, é uma aluna que a gente trabalhado nesse sentido e aula toda adaptada</p>

	<p>também...eu falei muito de avaliação, mas na aula, eu tenho que ser bem direto na turma dela na explicação, entende?...eu mudo um pouquinho a explicação na turma dela, eu tenho que descrever a imagem...olha turma, essa imagem tem isso, isso e isso, e tá acontecendo isso, e o professor tá querendo dizer isso com essa imagem, então muda a forma de exposição, acaba mudando pra todos, mas claro que a minha intenção é atingir aquela aluna li, e outra, eu tenho uma estratégia particular, eu tenho o número da mãe e o número dela, eu falo com ela quase todo dia, eu falo com a mãe...olha, dona cicrana a fulana...eu mandei atividade.. eu falo com a fulana direto, sobre as coisas, sobre a aula, sobre a escola, a gente conversa das coisas...é uma estratégia particular minha também”.</p> <p>b. “excelente frequência, ela não falta, entrega as atividades no prazo. Ela tem uma atenção da mãe e uma amizade com a coordenadora de educação inclusiva que incentiva ela a estar na aula, ela tem uma amizade comigo e com os professores que trabalham comigo no módulo. Ela não falta na nossa aula.”</p> <p>c. “ela participa de forma independente, não vai ter o cuidador. Essa dinâmica é mais lá do presencial, eu não sei se eles estão tendo algum momento lá com os pequenos, mas com a fulana, não. Ela é bem mais independente, ela é do segundo ano do ensino médio, então pelo menos ali na aula não, ela fica somente conosco.”</p>
B	<p>a. “a gente tem dado continuidade a um trabalho muito potente que a coordenação de educação inclusiva tem desenvolvido conosco dentro da escola, principalmente um processo formativo bem importante, então é uma coordenação muito atenta a forma de trabalho dos professores lá na escola e muito preocupada com esse processo formativo. Como é que a gente desenvolve, nós trabalhamos com dois dispositivos básicos hoje que são os cadernos de aprendizagem e os encontros virtuais que a gente chama de encontros educativos ou encontros brincantes. Nos cadernos de aprendizagem nós temos todo um material enviado pela CEI (que é a coordenação de educação inclusiva) e esse material nos dá subsídios pra construir os cadernos de aprendizagem, então por exemplo, nós temos crianças concretas, nós temos</p>

crianças pré-alfas e nós temos crianças alfas, crianças com deficiências dentro dessas características e aí nós recebemos esse material com todas essas orientações e todos os professores realizam, organizam as atividades a partir dessas orientações, então a gente chama internamente de cadernos inclusivos que são os cadernos que vão para as nossas crianças com deficiência atendendo a necessidade de aprendizagem de cada uma delas. Foi a forma que a gente encontrou de atender essas crianças nesse momento dentro dos cadernos de aprendizagem, então a gente tem essas especificidades. Agora óbvio, que esses cadernos eles seguem as mesmas temáticas, inclusive as mesmas atividades, porém a gente precisa fazer algumas adaptações pra que essa criança consiga alcançar a partir das suas características da sua aprendizagem, daquele processo de aprendizagem que ele tá vivendo, então eu não posso direcionar um caderno alfa ou pré-alfa pra uma criança concreta, eu preciso fazer as adaptações, e assim a gente faz. Dentro dos encontros educativos a gente também tem o suporte da CEI, então a gente discute, a CEI sempre está presente nos nossos encontros de planejamento integrado e a gente sempre pensa. Então por exemplo, a gente tem uma criança surda nos nossos encontros educativos, então a gente procura desenvolver atividades que essa criança esteja inclusa e aí a gente traz atividades de vibração de som, a gente traz atividade de libras, as outras crianças também aprendem a se comunicar, então tem toda uma preocupação em relação a interação dessas crianças dentro dos momentos que elas consigam estar presentes e desfrutando desses momentos dos encontros, socializando com as outras crianças e construindo aprendizagens também”.

- b. “Então, a gente não tem na educação infantil e nos anos iniciais uma organização em disciplinas, então nós temos encontros educativos, esses encontros virtuais e os próprios cadernos também, a gente faz numa maneira integrada entre as áreas do conhecimento, então eu vou te responder sobre a frequência dessas crianças nos encontros, e essa frequência ela varia porque comigo, nós temos duas crianças com deficiência, uma com paralisia cerebral e a outra com autismo e isso no fundamental I, na educação infantil nós também temos duas crianças, então essas participações, essas frequências, elas acontecem de forma esporádica, muito por conta do

	<p>contexto familiar dessas crianças, então algumas justificam da família trabalhar e não poder estar presente na hora dos encontros, outras a dinâmica familiar tem sido muito mais difícil porque tem outras crianças na casa também, então há uma demanda de atenção muito grande que não é possível fazer a entrada nos encontros, então essa frequência acaba não atingindo aquilo que a gente gostaria, em termos de participação, mas a gente compreende também que é muito por conta da dinâmica familiar e de todo esse cenário que a gente tá vivendo muito difícil e que tudo tá dentro da nossa casa agora e a gente precisa conciliar tantas demandas nesse cenário, então eu acredito que isso seja o ponto mais importante, a gente tem visto essa questão da frequência muito a partir dessas justificativas que as famílias trazem pra gente”.</p> <p>c. “nos nossos encontros virtuais todas as crianças, independente se são as com deficiências ou não, elas precisam ter um acompanhamento de um adulto, é uma prerrogativa, a criança nunca pode estar sozinha dentro de um encontro, então isso vale para todas elas, sempre que essas crianças entram, elas tem que estar com um adulto presente pra acompanhar a atividade, pra dar suporte e pra estar ali também nos auxiliando, porque eles são nosso maior esteio nesse momento, então sempre há presença de um adulto responsável com essas crianças”.</p>
<p>C</p>	<p>a. “de cabeça eu não consigo te dizer, mas a maioria é por deficit de atenção e a inclusão dos alunos está intrinsicamente ligada as nossas aulas, as dificuldades encontradas são repassadas, pelo menos na minha disciplina não houve manifestação de necessidade de reforço para esses alunos. O quê que acontece, nas nossas reuniões pedagógicas com os professores, a coordenação de ensino e a coordenação pedagógica, é repassado a dificuldade que eles estão encontrando nas disciplinas especificamente, então de acordo com esse repasso de informações nós vamos nos adaptando, porém na minha disciplina ainda não foi repassado nada sobre essas dificuldades”.</p> <p>b. “eles estão frequentando normalmente como os outros alunos”.</p> <p>c.</p>

<p>D</p>	<p>a. “Quando as crianças vem, a coordenação de educação inclusiva, ela já nos aponta as que já estão com laudo, e tem umas com laudo e tem umas que não tem laudo, mas nós temos o estudo de todas elas. então quando elas vem, nós já estamos sabendo qual são os “problemas” delas, qual é a dificuldade, qual o perfil, quais são as atividade que nós poderíamos trabalhar com elas, adequadas. Teve formação pra isso também, então é dessa maneira que é feita a inclusão delas, principalmente nos cadernos de atividades, nos cadernos impressos, mas no virtual é muito difícil disso acontecer, tem umas crianças que não participam porque elas não gostam, elas se recusam a participar, elas dizem que não querem, tem outras que tem problemas mais sérios que não conseguem fazer e tem uns que a mãe acompanha”</p> <p>b. “no meu caso, é só um que não participa, eu tenho cinco e só um não participa, não gosta mesmo. aí é enviado o caderno impresso adaptado”</p> <p>c. “eu acredito que só dos pais, dos cuidadores não”.</p>
<p>E</p>	<p>a. “eu só tenho um aluno com necessidades especiais no fundamental II, esse aluno, ele tem transtorno do espectro autista, transtorno opositor desafiador e demandas sérias psiquiátricas. São realizados inicialmente reunião com a equipe de inclusão, nós temos uma coordenação de inclusão na EAUFPA e eu considero importantíssimo que você tenha uma entrevista com essa coordenação...antes de começar o bimestre nós temos reunião com a equipe de inclusão, e nessa reunião é repassado por meio de estudo de caso, cada situação dos alunos com necessidades especiais, então as atividades que a gente realiza, por exemplo esse meu aluno aqui, a mãe dele também tem problemas seríssimos psiquiátricos, a gente só repassa atividades para a coordenação de inclusão, porque o contato é só com a coordenação de inclusão, só com que faz a tutoria com esse aluno, porque ele realmente tem uma situação bem delicada, então o contanto mesmo basicamente via coordenação de inclusão, desse aluno. Mas tem outros que é de uma forma mais tranquila, que eu não estou acompanhando, mas que quando a coordenação de inclusão repassa, esses acompanhamentos podem ser realizados, o aluno assisti as aulas normalmente, os professores adaptam as atividades pra que ele participe e de acordo com as orientações da coordenação de inclusão, que é</p>

	<p>incrível nesse sentido, eles orientam as nossas atividades, como é que a gente deve trabalhar com o aluno tal. Eu digo que é um acompanhamento bem interessante e muito significativo o apoio que eles nos dão na EAUFPA. Eu tenho só um aluno, mas esse aluno não acompanha as aulas, porque inclusive a mãe tem problemas sérios, então é bem complicado a situação familiar, ele vive com a avó e com a mãe, então avó cuida dos dois, tanto da criança quanto da mãe, então é via coordenação de inclusão, as atividades são como ele estivesse é ainda na educação infantil”</p> <p>b. Direcionam para fazer a pergunta para coordenação de inclusão</p> <p>c. Direciona para fazer a pergunta para coordenação de inclusão</p>
<p>F</p>	<p>a. “elas tem o material construído pela CEI, que é um grupo maravilhoso da inclusão, um grupo muito bom na escola, tem os nossos cadernos, que são os cadernos que são do encontro, não na perspectiva de aula, e ai a gente tem todas as adaptações que vem da CEI, então a gente faz o material, constrói o material todo e a gente vai fazendo as adaptações necessárias para os alunos da inclusão e tem momentos que também a gente parte do contrário, a gente traz as perspectivas dos alunos da inclusão e a gente monta o material também, então, eles tem essas disponibilidade de material, tanto da CEI quanto da áreas, como é ciclos, não tem áreas divididas, então é um tema onde todo mundo vai construir junto, por isso a gente não tem a Educação Física separada. Os alunos da inclusão, eles estão conseguindo participar dos encontros virtuais pelos acompanhamentos de responsáveis, então a gente tem alunos que participam das atividades e outros que não conseguem participar, porque tem casos de alunos que o responsável vai trabalhar, não tem com quem fique e infelizmente tem isso (...) a criança tá sozinha em casa e não sabe mexer nos mecanismos de celular, whatsapp e por ai adiante e ai, infelizmente não participam do encontro”</p> <p>b. “no encontro alguns deles participam e outros não, na EJA a gente não tem até então uma demanda com necessidades especiais e ainda digo mais, não se tem uma coordenação de inclusão que abrace também a EJA, então que isso fique registrado”</p>

c. “não, porque os cuidadores, assim como outras pessoas foram demitidos, nesse processo de pandemia, então eles foram demitidos, alguns realocados para outros setores”.

SÍNTESE

Houve unanimidade referente as respostas quando foi perguntado como estava sendo construído o processo de inclusão dos alunos com deficiência dentro do ERE. Todos os professores entrevistados citaram ter acompanhamento da **CEI** na realização desse processo inclusivo, frisando a importância deles seja na formação ministrada junto ao corpo docente, seja nos estudos de caso de cada aluno com deficiência que está matriculado na EA, seja na construção e revisão dos materiais impressos adaptados ofertados tanto no ensino presencial, quanto no ERE ou seja nos encontros educativos virtuais realizados pelas professoras da educação infantil e anos iniciais.

Em relação a frequência desses alunos, um professor do ensino médio, assinalou que sua aluna consegue frequentar o ambiente virtual de aula de forma assídua, e isso se dá pelo fato dessa aluna com deficiência ser mais independente, somado ao fato de que o próprio professor e a equipe de inclusão terem criado uma amizade com esta aluna, onde eles possuem o contato direto com a mesma via whatsapp, mecanismo esse que facilita o processo de inclusão da mesma em todas as atividades.

As professoras da educação infantil e anos iniciais, relataram que em relação a frequência dos alunos com deficiência é delicada, da mesma forma como os outros alunos, fato esse que incidiu na decisão de não aderir ao ERE.

As professoras do ensino fundamental I e II, foram mais específicas e relataram que dentre os seus alunos com deficiências, existem aqueles que conseguem acompanhar os encontros virtuais e aqueles que possuem casos extremamente delicados, os quais o contato com eles é feito somente através da equipe de inclusão.

Sobre a questão relacionada a oferta de acompanhamento dos cuidadores, os professores do ensino médio responderam que não está sendo necessário, pois seus alunos conseguem assistir de forma independente as aulas. Os alunos da educação infantil e anos iniciais precisam estar acompanhados de um responsável para assistir aos encontros educativos virtuais, independente se tem

ou não deficiência. Professoras do ensino fundamental I e II, relataram que a figura dos cuidadores era encontrada no ensino presencial, e por conta dos cortes realizados nesse período pandêmico, eles foram demitidos.

Quadro 3: elaborado pela própria autora.

Outros Elementos

- a. Sobre o tema em questão, você tem alguma contribuição ou uma observação a ser feita pra contribuir nessa pesquisa?

PROFESSORA	RESPOSTA
A	<p>a. “o que eu posso dizer é assim, claro que eu queria tá dando aula pra fulana presencial, fazendo com que ela tivesse acesso a experiências corporais, mas desse ponto de vista, sim. Porque a inclusão não é só estar presente...ela presente e participa, existe o processo de adaptação curricular, existe o processo todos de adaptação de materiais, principalmente das avaliações, existe um cuidado da coordenação de educação inclusiva e das outras professoras que trabalham comigo, ainda que eu saiba que a mãe dela tem alguma dificuldade financeira, teve um edital específico pra pcd e eu não sei se ela foi assistida, sei que a mãe dela passa o dia todo trabalhando... entendo que é uma coisa complexa, mas dentro das possibilidades, nós temos tentado fazer esse processo de inclusão, em geral tem sido muito difícil, como eu te falei lá no começo, muitos alunos ficaram e estão excluídos ou não estão estudando em boas condições no ensino remoto, então essas seriam as minhas considerações, a universidade não fez uma política adequada para o ensino remoto, nem pra graduação, muito menos para educação básica...até que teve uma política ok em nível de formação para os professores, teve muita coisa que a gente pode fazer para se qualificar, foi legal universidade, problema que nosso público são mais de 55 mil alunos na ufpa... a escola de aplicação em si, acho que seus professores tentam e investem na prática, se qualificaram pra isso, mas a gente não trabalha só pra gente, a gente trabalha para os alunos, a gente sente a dor deles, que é a nossa também, da não presença, das dificuldades. Ano passado era muito complicado, a gente dava aula pra metade dos alunos esse ano a gente já uma frequência era entre 65 e 70 % por vezes até mais, e uma entrega maior de</p>

	<p>atividades, mas ano passado foi bem mais complicado. Não consigo explicar o porquê, mas teve essa diferença sim. Nisso tudo, os alunos com deficiência também com certeza sofrem ainda mais no processo... é porque tira toda a ideia lá do cuidador, do contato mais próximo da escola com a coordenação e a disciplina de Educação Física também sofreu com isso na especificidade do seu conhecimento, na especificidade no seu processo de ensino-aprendizagem, então a gente tem ficado numa dimensão que é mais conceitual, a gente fazia isso antes, mas a gente fazia dialogando com a prática, então a gente perde aí o charme da disciplina, vamos dizer assim.</p>
B	<p>a. “uma outra questão pra gente finalizar sobre o nosso trabalho na escola com as nossas crianças com deficiência é a importância de uma formação continuada potente, sabe? Na escola de aplicação a gente tem dentro de um cronograma da CEI momentos de formação, momentos de transição, então quando uma criança troca de turma, troca de ano, a gente sempre faz esse acompanhamento e recebe o acompanhamento também da CEI com todas as orientações e o tempo a gente tem momento em que a gente discute, a gente debate, temos momentos mais voltados para discussão no campo teórico, outros mais voltados para a prática pedagógica e isso é muito importante porque na nossa formação inicial a gente tem muito pouco, a gente discute muito pouco sobre aspectos inclusivos e a gente, dentro da escola de aplicação, consegue ter a partir da coordenação de educação inclusiva, a partir desse movimento coletivo de estar sempre estudando, então eu vejo que isso é muito necessário, isso tem sido muito importante pra gente conseguir provocar, estimular, aprendizagens significativas com as nossas crianças com deficiência”.</p>
C	<p>a. “ nós temos duas turmas, turma a e turma b, e são duas turmas totalmente diferentes. Uma turma interage bastante e a outra turma dificilmente há o interagir entre aluno e professor. Então, especificamente para as turmas que tem dificuldade de interagir, nós tentamos refletir melhores trabalhos para que a turma se aproxime da realidade da outra turma em relação a esse interagir, então nós temos uma certa dificuldade com essa turma, então eu acredito que o principal incentivo é nós procurarmos</p>

	<p>saber o que há, pra que essa turma que não interage com o professor, e isso daí é um conceito, uma avaliação de 99% dos professores e descobrir qual é a causa dessa falta de interação professor-aluno e aí, planejar pra que a gente mude esse cenário, pensando que o interagir é muito importante para o desenrolar de uma aula, porque já pelo fato de nós estarmos por uma tela, muita das vezes o outro lado não estar presente, nós temos dificuldades, imagine sem os outros recursos e incentivos, apenas só ficar falando na frente da tela já é problema”.</p>
D	<p>a. “olha, eu acredito que esse trabalho agora nesse tempo de pandemia com as crianças com dificuldade especiais, ele está sendo muito difícil, mas na escola nós estamos fazendo o possível pra diminuir essas dificuldades embora alguns casos de autismo severo ou até alguns alunos que tem várias problemas, então pra eles é um pouco difícil, até porque nós estamos sem bolsistas, então sem os cuidadores, então fica um situação bem difícil, mas nós temos um apoio e estamos tentando um trabalho mais consistente pra que essas crianças realmente, elas sejam incluídas nas atividades, nas aulas, considerando a diferença de todos, a inclusão nesse sentido de considerar que todos são diferentes, que as crianças uma aprende com a outra, todas aprendem com as diferenças, então nós do 4º e do 5º ano, temos tentado caminhar nesse sentido”.</p>
E	<p>a. “sim, essa pesquisa ela precisa prioritariamente de uma entrevista com a coordenação de inclusão, isso abriria mais um leque, porque eu vejo apenas um eixo de perguntas voltadas para inclusão, então eu vejo que se tu conversares com eles, com a equipe de inclusão e tudo que foi feito pra tentar incluir esses alunos, a questão dos tutores, a questão que eles tiveram um edital específico pra eles, quantos alunos tiveram acesso a esse edital específico, com equipamentos específicos para cada aluno focados nas suas necessidades, mas essas riquezas de detalhes, quem pode realmente, ofertar é a equipe de inclusão”.</p>
F	<p>a. “A escola de aplicação, ela é diferente das demais escolas, como municipais, como institutos federais, como o IFPA por exemplo. As escolas de aplicações, elas têm seu documento próprio, ela tem sua forma própria de ser, ela tem uma certa autonomia ainda enquanto a gente tem autonomia porque sabemos que tem um processo de construção de todas as escolas e tudo mais. Tu vais ver que as coisas mudam de uma coordenação pra outra, e também como a própria direção, ela atua na escola, e aí tu vais conseguir enxergar isso. Creio que seria interessante colocar uma parte</p>

	<p>sobre essa autonomia, porque é uma característica única, as outras escolas de outras instituições, seja estadual ou municipal, tu não consegues enxergar isso, porque essas escolas não tem essa autonomia, são situações que vem de cima pra baixo, tu vai enxergar que cada coordenação tem sua forma de estar realizando a sua auto-organização, as suas demandas, como cada uma é totalmente diferente da outra. Talvez, a contribuição seria nesse sentido, dessas especificidades e dessas diferenças até em termos estruturais da escola, da forma de organização mesmo pra que talvez a discussão da perspectiva do ensino remoto e inclusão e dos alunos com deficiências que são uma demanda enorme na escola e a CEI, ela é excelente, ela tem muito trabalho a ser realizado ali e também seria interessante você poder tá dialogando com eles também pra contribuir”.</p>
--	---

Quadro 4: elaborado pela própria autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em questão apresenta sua relevância ao tratar questões referentes ao ERE, Educação Física e inclusão dentro da escola, neste caso específico, dentro da Escola de Aplicação da UFPA.

A partir das entrevistas realizadas e do aporte teórico utilizado, é possível constatar que o Ensino Remoto Emergencial não é um modelo ideal para o ensino e principalmente para um ensino inclusivo. No que tange a educação física, este modelo de ensino acaba legitimando a invisibilidade do professor da disciplina e afasta o saber domínio próprio e singular do campo, pois as práticas corporais e o fazer corporal não tem vez no ERE.

Constata-se que o ERE também intensificou o trabalho dos professores de educação física, que majoritariamente concordaram que não tinham um tempo regulamentado para as atividades de ensino e correções de materiais, sendo acionados a qualquer tempo por estudantes e responsáveis.

No que tange a inclusão dos estudantes com deficiência, pode-se inferir que a coordenação de Educação Inclusiva teve papel fundamental para a organização de materiais didáticos e suporte pedagógico durante os processos de construção das aulas. No entanto, mesmo com esse suporte, pode-se apontar que a maioria dos estudantes com deficiência estiveram fora do processo educacional, com raras exceções.

Apresentamos dentro do estudo o limite de não ter entrevistado a coordenação de educação inclusiva, o que poderia qualificar a discussão dos dados coletados, e que poderá

ser feito posteriormente. No entanto, consideramos que houve uma rica coleta de materiais para tratar o caso da Educação Física em particular.

Por fim, é importante ressaltar que o ERE é um modelo de ensino excludente, seja por sua prática à distância que não permite trabalhar com as subjetividades e particularidades dos alunos, seja pela exclusão em relação ao acesso de materiais tecnológicos (computadores e celulares), ou conectividade (internet) ou até mesmo pela evasão dos alunos que não se sentiram contemplados e acolhidos pelo novo formato.

Na Educação Física pode-se dizer que voltamos a trabalhar dentro do contexto da manutenção/eliminação dos estudantes e que parte essencial da disciplina é excluída do processo de ensino, causando uma dicotomia reversa entre teoria e prática, na qual se priorizou-se o processo teórico em detrimento do processo prático.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, E. P. (2020). EDUCAÇÃO REMOTA EMERGENCIAL: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. *Em Rede - Revista De Educação a Distância*, 7(1), 257-275.

BRASIL. Lei Federal nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União**, Ano CXXXIV, n. 248, 23 de dezembro de 1996. Brasília, 1996.

BRASIL. Decreto Nº 10.502, de 30 de setembro de 2020. **Institui a Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida.** Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, [2020a].

CALHEIROS, V.; SOUZA, M. S. Avaliação como categoria: elementos para uma discussão. *Revista Kinesis*, Santa Maria, 32 ed., v. 1, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs2.2.2/index.php/kinesis/article/view/15606>.

CAMPOS, J. A. P. P.; DUARTE, M.; CIA, F. A prática pedagógica de professores do ensino regular junto aos alunos com necessidades educacionais especiais. *Teoria e Prática da Educação*, Maringá, v. 15, n. 1, p. 19-24, 2012

CARMONA, R. T. O impacto da pandemia provocado pelo coronavírus no cenário educacional brasileiro. *Cadernos de Direito*. Piracicaba, v. 19, n. 36, p. 27-37, jan.-jun. 2020, ISSN Eletrônico: 2238-1228, 2020.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: A História que não se Conta.** 4a Edição, Campinas, SR Editora Papirus, 1994

CHICON, J. F. Inclusão e exclusão no contexto da educação física escolar. *Movimento*, Porto Alegre, v.14, n.1, p.13-38, 2008

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Necessidades Educativas Especiais** – NEE In: Conferência Mundial sobre NEE: Acesso em: Qualidade – UNESCO. Salamanca/Espanha: UNESCO 1994

DE LIMA, Élide Cristina da Silva et al. A “NOVA” POLÍTICA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL COMO AFRONTA AOS DIREITOS HUMANOS: ANÁLISE CRÍTICA DO DECRETO 10.502/2020. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade- REED**, v. 2, n. 3, p. 156-175, 2021.

DE SÁ FERREIRA, Gabriel et al. A Percepção dos Professores de Educação Física de Sassari/Itália sobre a Escolarização de Alunos com Deficiência. **Anais do Seminário Nacional de Educação Especial e do Seminário Capixaba de Educação Inclusiva**, v. 3, n. 3, 2020.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo et al. Práticas Corporais e Educação Física: Reflexões Contemporâneas. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 10, p. 9-23, 2020.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. Campinas: Papyrus, 1995.

GHIRALDELLI Jr. Paulo. **Educação Física progressista: a pedagogia crítico – social dos conteúdos e a educação física brasileira**. São Paulo: Loyola, 2001.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GODOI, Marcos; KAWASHIMA, Larissa Beraldo; DE ALMEIDA GOMES, Luciane. **“Temos que nos reinventar”**: os professores e o ensino da educação física durante a pandemia de COVID-19. *Dialogia*, n. 36, p. 86-101, 2020.

SOUZA, S.; FRANCO, V. S.; COSTA, M. L. F. Educação a distância na ótica discente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 99-114, jan./mar. 2016.

WERNECK, G.L.; CARVALHO, M.S. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. **Cad. Saúde Pública**, 2020.

ZAIDAN, J. M.; GALVÃO, A. C. “COVID19 e os abutres do setor educacional: a superexploração da força de trabalho escancarada”. In: **AUGUSTO, C. B.; SANTOS, R. D. (orgs.). Pandemias e pandemônio no Brasil**. São Paulo: Instituto Defesa da Classe Trabalhadora, 2020.

ANEXO I

Roteiro de Entrevista

Título da pesquisa:

Pesquisadores:

Fernanda Yully Dos Santos Monteiro (Orientadora)

Isabely Costa de Souza (Orientanda)

Eixo de conteúdos	Formulação das questões
1. Dos Recursos para aula no ERE	1.1 A escola disponibilizou instrumentalização em relação as plataformas digitais usadas no ERE? Se sim, você diria que foi suficiente para atuar no ERE? 1.2 você teve que fazer alguma reforma estrutural na sua casa para se adequar a modalidade de ensino remoto? 1.3 Há relatos de alunos que não possuem equipamentos e/ou conectividade para acompanhar as aulas? Quais as medidas tomadas pela escola em situações como esta?
2. Prática docente e Condições de trabalho	2.1 Você sentiu sobrecarga em relação a sua jornada de trabalho na modalidade de ensino remoto? 2.2 Quais os principais desafios encontrados dentro da modalidade do ensino remoto em relação especificamente a disciplina de educação física? 2.3 Você teve dificuldade em encontrar e/ou formular atividades adequadas para essa modalidade de ensino? 2.4 Como tem sido o processo de avaliação dos alunos? Levando em consideração a dinâmica virtual que as aulas têm sido ministradas? 2.5
3. Sobre a Inclusão	3.1 Como tem sido construído o processo de inclusão das crianças com necessidades especiais dentro da modalidade do ensino remoto? 3.2 Como está sendo a frequência dos alunos com necessidades especiais durante as aulas da disciplina? 3.3 As crianças com necessidades especiais estão conseguindo ter o acompanhamento dos cuidadores, que eram disponibilizados de forma presencial, durante as aulas remotas?
4. Considerações finais	4.1 Sobre o tema em questão, você ainda tem alguma contribuição ou observação a mais a ser feita, e que consequentemente poderá contribuir com o desenvolvimento dessa pesquisa?

ANEXO II



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ INSTITUTO DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

As informações a seguir dizem respeito à sua participação voluntária no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Ensino Remoto Emergencial: Implicações para o trabalho docente do professor de Educação Física e inclusão dos alunos com deficiência na EAUFPA”, realizado pela graduanda Isabely Costa de Souza, sob orientação da Prof. Ma. Fernanda Yully dos Santos Monteiro. O objetivo do estudo é investigar a prática docente e inclusão dos alunos com deficiência nas aulas de Educação Física da EAUFPA a partir da implementação do Ensino Remoto Emergencial (ERE), para compreender os limites e as possibilidades da prática docente neste novo contexto de ensino. Esclarecemos que a intenção desse trabalho é favorecer as pesquisas voltadas a prática pedagógica e inclusão de crianças e jovens com deficiência dentro do ambiente escolar. Metodologicamente propomos um trabalho de natureza exploratória, de caráter qualitativo, o qual se constitui de: revisão de literatura, entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo. Sua participação será de grande relevância para o desenvolvimento da pesquisa e implica em responder a uma entrevista com questões semiestruturadas. Ressalta-se que, caso seja autorizado, a entrevista será gravada com o objetivo de transcrição das respostas, para posterior discussão e tabulação dos resultados. Você poderá ter acesso a todas as informações referentes aos resultados da pesquisa, bem como se retirar do estudo a qualquer momento, sem prejuízo. Pela participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias à realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Finalmente, seu nome ou imagem não serão expostos sob quaisquer circunstâncias e todas as informações servirão exclusivamente para fins de pesquisa. Nossos dados e contatos para caso de necessidade são: Prof. Fernanda Yully dos Santos Monteiro. Celular (91) 983610663, e-mail: fernmonteiro1301@gmail.com e Graduanda Isabely Costa de Souza. Celular (91) 984830824, e-mail: isabelycostadesouza@gmail.com

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Eu, _____ li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi o objetivo do estudo e qual o procedimento a que serei submetido. As informações esclarecem os benefícios do estudo, deixando claro que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro para participar do estudo.

Eu concordo em participar do estudo

Belém, ____/____/____

Assinatura do(a) voluntário(a):

Telefone de Contato:

Assinatura pesquisador responsável:

Assinatura orientador responsável: